

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
ARQUITETURA E URBANISMO

**Arquitetura Como Condicionante de Arte e Cultura
Complexo educacional e interdisciplinar de artes**

Monografia apresentada para o
Trabalho Final de Graduação, como
requisito para a obtenção do grau
de bacharel em arquitetura e urbanismo pela
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Thalita Kovacs
Orientador: Lauresto Couto Esher

São Paulo
2019

AGRADECIMENTOS

Nada, absolutamente nada seria possível sem meus pais, José Kovacs e Elaine Molinari. Aos dois minha gratidão eterna, todas minhas conquistas nascem em vocês e prosperam em mim. À minha avó Hilda Molinari devo amor e carinho, por acreditar em mim mais do que ninguém nesse mundo. Obrigada também à Ana Carolina e Marcella por serem parte fundamental do meu crescimento.

Ao Lucas San Martin Couto agradeço por todos os anos em que crescemos juntos, por estar ao meu lado em todas as circunstâncias e por todo o amor que muitas vezes me pareceu incondicional. Saiba que sou inteiramente recíproca à todo esse amor. Sou grata também por todas as pessoas maravilhosas que cruzaram meu caminho desde a minha entrada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Natalia, Isabella, Bruna, Tamara, Leonardo e Philippe obrigada por todas as vezes que socorreram meu desespero e me deram um ombro amigo, ou pelas risadas que embarcavam pela noite até o nascer do Sol espantando a solidão.

Ana Clara tem de mim toda a gratidão que existe, com ela passei por altos e baixos, mas nunca pensamos em desistir. Ela é uma grande inspiração de força e dedicação, de compreensão e justiça. Se aqui me permite esperar por algo, espero que a linha que nos conecta jamais se rompa e que eu continue a acompanhar seu lindo desenvolvimento. Junto de ti conheci Mariana T. e Vanessa, que inspiram a arte e a amizade que existe em mim, são sempre as melhores companhias. À Mariana Belluzzo agradeço por direcionar meu desenvolvimento de forma tão leve e bela.

Dedico este trabalho também à Alexandre C. Abrahão, a quem chamo de “turning point” na minha vida. Com ele aprendi muito sobre arquitetura, arte, filosofia, poesia e sobre mim. Sou incrivelmente grata por sua existência, por todas as vezes em que nos ajudamos e contamos um com o outro. A vida tem um movimento fluido e inesperado, porém saiba que estarei sempre ao seu alcance com um sorriso amigo e um café em mãos.

Aos incríveis arquitetos e arquitetas que me guiaram ao longo deste curso fica a minha gratidão, admiração e respeito. Em especial ao meu orientador Laures-to Couto Esher, um professor e arquiteto que me inspira mesmo como pessoa, agradeço por ter me ensinado a sempre questionar as verdades e confiar em mim mesma.

Resumo

Esta monografia tem o intuito de estudar o conceito de Cultura num parâmetro cronológico mundial a partir de alguns antropólogos e sociólogos que tratam do tema e relaciona-los com o ensino e a educação no país. Pesquisar como a educação age como difusora de cultura e amplia horizontes da vida humana principalmente na infância e juventude. Feitas estas questões teóricas iniciam-se as análises arquitetônicas e urbanísticas direcionadas ao projeto proposto. Análises de território e estudos de caso que contam um pouco em forma de memorial as investigações feitas e as decisões tomadas. Por fim como resultado de toda a pesquisa vem o projeto em si trabalhado paralelamente aos estudos teóricos.

Abstract

This monograph aims to study the concept of Culture in a global chronological parameter from some anthropologists and sociologists who deal with the theme and then relate them with education in the country. To search how education acts as a diffuser of culture and broadens horizons of human life mainly in childhood and youth. Once these theoretical questions have been taken, the architectural and urban planning analyzes are started with the proposed project. Territory analyzes and case studies that tell a little in the form of a memorial the investigations made and the decisions taken. Finally as a result of all the research comes the project itself worked parallel to the theoretical studies.

Introdução

O tema desta monografia gira em torno da educação/ensino e da cultura como ferramentas de desenvolvimento humano principalmente nas fases da infância e da juventude. O recorte aqui feito não é do ensino tradicional e obrigatório em escolas, mas sim das disciplinas em seu aspecto mais humano, principalmente artístico como apoio no crescimento do ser em sociedade. Busco criar arquitetura que possibilite o usuário de trabalhar e desenvolver questões como empatia e pensamento crítico, essências para um bom convívio social, que mitiga tópicos como a violência e o preconceito com qualquer diferença existente.

Além de um aspecto pedagógico e psicológico da sociedade o propósito aqui é uni-los com o aspecto da arquitetura e do urbanismo, como ambos criam condições que permitem ou catalisam projetos de ensino agenciados por órgãos institucionais ou pela população por meio de ONGs ou atividades similares.

Prossigo com uma prévia de cada capítulo a ser tratado. O primeiro capítulo a seguir traz a discussão do conceito de cultura num formato panorâmico e cronológico com o auxílio de alguns antropólogos e sociólogos estudados, ainda nesta parte acrescer a relação desse conceito com o quadro atual brasileiro no quesito educação.

Já na parte seguinte inicia-se uma análise dos locais considerados para a implantação desse programa de projeto, explicando cada um e o motivo de serem ou não adequados. Ao escolher o terreno analiso seu entorno demonstrando o que o qualificou para tal escolha. Nessa parte em forma de análise e recolhimento de dados trago a questão das frontalidades presentes no lote e a interferência da escala urbana e do objeto.

A terceira parte foi destinada a apresentar e discutir três projetos de diferentes escalas e propósitos, cada um para discutir o espaço público e a cidade ou a questão da materialidade e técnicas projetuais como é o caso do último estudo. Por fim retomo questões tratadas nos capítulos anteriores e apresento o resultado das pesquisas, análises e estudos feitos ao longo do semestre como um projeto final.

SUMÁRIO

1- TEMA: EDUCAÇÃO E CULTURA

1.1 Cultura enquanto ato político educacional;

1.2 Cultura seu início e seus símbolos;

1.3 Cultura e suas intersecções;

1.4 Arquitetura como condicionante de desenvolvimento social.

2- ANÁLISE DO LOCAL E INSERÇÃO URBANA

2.1 Questões além da geografia;

2.2 Frontalidades;

2.3 Entre escalas;

2.4 Jardim São Remo e Cidade Universitária.

3- ESTUDOS DE CASO

3.1 Praça das artes;

3.2 Utopia, Biblioteca e Academia de Artes Cênicas / KAAN Architecten;

3.3 Simpson-Lee House – Glenn Murcutt.

4- CONCLUSÃO| APRESENTAÇÃO DO PROJETO

4.1. Lidando com as diferentes frontalidades;

4.2 Implantação;

4.3 Segmentação de usos;

4.4 O individual e o todo.

5- BIBLIOGRAFIA

CAPÍTULO

1

TEMA: EDUCAÇÃO E CULTURA

Cultura enquanto ato político educacional

No Brasil cada vez mais o ensino de matérias básicas nas escolas como Português e Matemática torna-se a prioridade. O foco nestas disciplinas não é algo ruim tendo em vista que muitas crianças chegam até o sexto ano de suas escolas sem conseguir ler, escrever ou compreender matemática básica com clareza. No entanto, disciplinas que englobam e participam do desenvolvimento do senso crítico, da capacidade de lidar com as diferenças e da participação social do ser têm sido cada vez mais excluídas da grade escolar. Artes, filosofia, sociologia, geografia, história e ciências têm perdido peso e feito falta para alunos tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Muitos destes perdem também o interesse pelo estudo, pelo aprendizado e pela pesquisa por falta de incentivo tanto familiar quanto institucional. Casos atuais mostram grandes cortes econômicos no âmbito educacional e cultural. Mesmo que a questão não fosse econômica como demonstram alguns estudos que comparam o repasse percentual do PIB brasileiro para educação ao de países mais desenvolvidos, faltam projetos de ensino/educação e de cultura dentro e fora das escolas e ao longo de todo o território nacional.

Pouco auxílio governamental é dado a instituições de ensino, ao corpo docente e também a projetos sociais educacionais. O fato é que a falta de incentivo acaba por afastar a criança e o adolescente da maior possibilidade que ele teria de obter qualidade de vida e de exercerem sua profissão desejada.

“A cultura, no sentido restrito da produção e fruição da diversa expressões artísticas, ao acompanhar as transformações da sociedade, da estratificação social e da própria organização do Estado, torna-se progressivamente, fator que, pelas funções sociais que desempenha, justifica e exige intervenções, de carácter administrativo, emanadas pelo poder. Por outras palavras, torna-se um matéria de ação política.” (MARQUES, 1995, p.16)

O autor Fernando Pereira Marques no livro “de que falamos quando falamos de cultura?” discute como a cultura é tratada pelo Estado e ao citar Kant introduz a ideia de que este tema é tratado como algo industrial/comercial a partir do momento em que a leitura passou a ser uma necessidade indispensável e quase universal. Durante muito tempo o poder sobre tudo que chegava à população principalmente na idade média passava pela Igreja e os altos membros do clero. Conforme a humanidade passa pelo Iluminismo, inicia-se a democratização e a modernização deste conhecimento nas mãos da sociedade, o que corresponde à perda do monopólio da igreja sobre este assunto e a uma laicização crescente.

Quando comandava a Alemanha Hitler em sua obra Mein Kampf dita que devemos nos afastar do teatro, da literatura, do cinema, etc; devemos pôr a produção artística ao serviço

de um Estado e de uma ideia de cultura moral. A partir de então o nomeado ministro da propaganda de seu governo (1933) Goebbels passa a liderar diversas campanhas radio televisivas principalmente que disseminassem essa “cultura moral” que traria consigo aspectos nacionalistas, militaristas, racistas e imperialistas. Sendo assim aspectos que traçaram a produção artística, arquitetônica, literária, entre outras durante o regime nazista. Nesta época muito da censura foi visto em todos os planos citados anteriormente, assim como a ditadura no Brasil, desta maneira foi um período em que se prova o quanto a arte e a cultura podem ser armas do conhecimento e da racionalidade humana nocivas à um governo manipulador e ignorante.

Marques em seu livro continua seu raciocínio apoiando-se em Antonio Gramsci, filósofo e jornalista marxista que dizia que para a emancipação e vitória dos trabalhadores em classes operárias associava-se à ideia de “revolução cultural” afirmando assim que a hegemonia politico-social do que chamava de “comunismo-socialismo” seria dada a hegemonia cultural conseguida em crítica ao governo capitalista. No entanto num regime democrático ao contrário do que acontece numa ditadura a cultura e a expressão deve ser garantida ao cidadão como direito, mudando de país para país e refletindo não apenas as divergências administrativas, mas sua história, tradições e realidades no que diz respeito também ao papel do Estado e da participação da sociedade civil.

A educação é um dos principais veículos de disseminação da cultura numa sociedade, sendo assim ambas são meios de formação de opinião e de ensino das leis de funcionamento não em uma mas em diversas populações ao redor do mundo. No livro “Cultura: um conceito antropológico” de Roque de Barros Laraia nos apresenta dois antropólogos de diferentes épocas. O primeiro é Edward Taylor que produz o livro “*Primitive culture*” de 1871 desenvolvendo o primeiro conceito de Cultura que une o termo germânico *Kultur* (refere-se aos aspectos espirituais de uma comunidade) e o termo francês *Civilisation* (refere-se principalmente as realizações materiais de um povo). Sendo assim em seu amplo sentido etnográfico ele acumula conhecimentos, artes, crenças, religião, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade e/ou hábitos adquiridos pela sociedade em questão. A cultura é então compreendida como um objeto de estudo sistemático, pois é um fenômeno natural. Ele busca apoio nas ciências naturais considerando a cultura um fenômeno natural e que acompanha a espécie humana de qualquer parte da Terra sendo algo unilinear e igual para todos, diferenciando-se apenas por cada sociedade estar num estágio desse desenvolvimento. Já o outro George W. Stocking em 1968, quase cem anos à frente critica Taylor por ignorar o relativismo cultural tornando impossível o conceito moderno de Cultura. Laraia acrescenta que o ser humano não pode ser explicado senão em termos de sua diversidade cultural, sendo assim a cultura não é a mesma e nem linear para todas as populações.

Laraia cita outro antropólogo chamado Alfred Kroeber (1876 à 1960) autor de “*The limitations of the comparative method of anthropology*” em que ele trabalha a ideia de que a humanidade possui uma linearidade biológica, em que todos os seres humanos possuem funções orgânicas e necessidades básicas em comum, mas com questões culturais que satisfaçam esses quesitos básicos bastante heterogêneas.

Outro ponto tratado por Kroeber é a questão da hereditariedade, que ele exemplifica com humanos e gatos. No mundo felino, se um filhote de gato for criado por uma família de cães os anos vão passar e ainda sim o gato não aprenderá a latir ou rosnar, ele continuará miando e agindo como um gato, mesmo que tenha uma boa relação com os outros membros de sua família adotiva. Já uma criança nascida na França e adotada por uma família chinesa com certeza será um adulto que fala chinês. Isso é dado a sua capacidade de se adaptar, aprender e de passar seu conhecimento de geração para geração. Num âmbito maior pode-se exemplificar essa inteligência passada a partir de invenções, como o avião que supriu o fato do homem não possuir asas, o navio, que faz com que atravessem oceanos inteiros e também na questão de alimentação e habitação. Em ambos pode-se ver a habilidade de adaptação existente. O ser humano é o único animal cujo habitat é toda a superfície terrestre, desde polos até as linhas equatoriais.

Um urso polar dificilmente sobreviveria ao calor de outro continente, no entanto um esquimó consegue se adaptar com roupas e modo de viver de alguém que mora numa região tropical, em pouco tempo isso seria parte de sua nova rotina e hábitos. Sendo assim pode-se afirmar que dessa forma os seres humanos se libertam de certas leis da natureza expandindo cada vez mais sua vivência. É importante ressaltar que esse tipo de teoria não tem a intenção de intensificar a discriminação de "raça" e/ou social como ocorreu com a teoria Cesare Lombroso, um criminalista italiano que resumidamente alegava que um criminoso nascia desta forma ao invés de tornar-se um pelas condições de seu meio e de sua criação, como sabe-se que é na realidade.

As funções culturais são as que diferenciam humanos de animais por desenvolverem suas capacidades de ações, pensamentos e aprendizado criando um ciclo de evolução. É dito pelo antropólogo alemão Franz Boas (1858-1949) que as condições psicológicas e do meio ambiente afetam a cultura e a qualidade de vida principalmente no quesito da educação.

A natureza cria constantemente indivíduos inteligentes, mas é necessário colocar ao alcance destes indivíduos o material e o espaço que lhes permita exercer sua criatividade de maneira revolucionária dando a eles a oportunidade de tomar controle do caminho de suas próprias vidas ao invés de viverem à margem da sociedade.

Outro exemplo dado no livro de Laraia é Santos Dumont, o inventor do avião, que não teria esse feito se não tivesse sido transferido em 1892 para Paris, onde teve acesso a todo o conhecimento acumulado pela civilização ocidental. Onde vivia, em Palmira talvez seu cérebro tivesse elaborado outro tipo de invenção, que tivesse relação a eixos de carros de bois e outra pessoa teria pensado num avião ou algo similar por exemplo. A questão é que, novamente, não descartando o potencial do indivíduo, mas sem um amparo espacial e material para o seu desenvolvimento dificilmente ele conseguiria alcançar grandes feitos. Em alguns casos é possível compreender que em dois povos diferentes existem soluções iguais para um problema. A resposta não inclui nenhuma intervenção divina ou extraterrestre. Para alguns problemas existem soluções limitadas que podem existir em duas ou mais partes do mundo de forma independente, assim como são as pirâmides maias e as pirâmides egípcias que tem construções limitadas por formas geométricas.

Pensando na herança de Alfred Kroeber resume-se que a cultura é muito mais influente do que a própria herança genética na humanidade como fator limitante de vida. Ao fugir do controle da natureza os seus instintos foram deixados em segundo plano para que padrões culturais possuísem um peso maior ao longo de sua evolução. O conhecimento é um processo acumulativo, que resulta de uma experiência histórica vivenciada por gerações anteriores, o que limita ou estimula a criação humana. Pode-se chamar socialização ou endoculturação, a questão é que esse é o principal processo que determina a capacidade artística, social ou profissional do ser.

Por fim vale destacar um dos mais importantes feitos culturais da sociedade que é o desenvolvimento da fala e de diferentes línguas. Diferentemente dos outros animais os seres humanos usam a comunicação para desenvolver um sistema articulado de comunicação oral e passagem de conhecimento acumulado que funciona também ao redor do mundo todo. Como ocorre essa passagem, quem é encarregado de passar o conhecimento e como se da a relação entre alunos e professores já é uma questão tratada individualmente em cada sociedade.

Cultura: seu início e seus símbolos

Assim como a história da humanidade tem diversas teorias e pontos de vista que crescem ou negam o anterior a partir de pesquisas e descobertas feitas com o tempo o conceito de cultura parte do mesmo ponto. Sobre a evolução do ser humano e da cultura a princípio se tem como verdade que o cérebro humano começou a se desenvolver com mais intensidade quando sua vida arborícola de seus remotos antepassados, em que se perde parte do olfato ganhando outras habilidades. Mais adiante como maneira de intimidar predadores e parecer mais ameaçador em certas circunstâncias o homem começou a aumentar sua atividade bípede fazendo com que usasse suas mãos para atividades mais delicadas como pegar objetos e analisa-los. Kenneth P. Oskley enfatiza a atividade manual partindo da posição ereta, o que cria mais estímulos no cérebro desenvolvendo uma maior atividade cerebral. Faz parte, então, do momento em que o primata evolui para um humano o fator da criação por assim dizer da cultura. Esta resulta em um cérebro mais volumoso e complexo.

Alguns antropólogos como Claude Lévi-Strauss consideram que a passagem do primata para o homem vem com a criação de regras na sociedade, por exemplo a que criminaliza o incesto, que era um padrão de comportamento social até então. Leslie White antropólogo americano é aquele que diz que o homem apenas tornou-se homem quando seu cérebro passou a conseguir gerar símbolos e então cria capacidade de conectar-se com a história do outro, inclusive de seus ancestrais.

“Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalham e perpetuam

somente pelo uso de símbolos.... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria cultura e o uso de símbolos que torna possível sua perpetuação. (...) O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero Homo torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. E a chave do mundo, e o meio de participação nele é o símbolo" (WHITE, 2009)

Ainda dentro da linha de pensamento de White os símbolos são sempre elementos físicos para que possam penetrar a experiência humana, no entanto em se tratando de seus significados já não vale a mesma regra. Uma cor ou combinação delas pode ter um significado numa cultura e em outra essa questão já seria diferente. O exemplo pode ser em questão da cor preta que significa luto na cultura ocidental, mas obtém-se a mesma simbologia na China com a cor branca. Em resumo, para compreender um símbolo é necessário pensar na cultura que o criou.

Yuval Noah Harari, professor israelense de história e escritor do livro "Sapiens- Uma breve história da humanidade" concorda com a questão da importância do símbolo ao dar foco para a criação da linguagem por volta de setenta mil anos atrás. Novamente a língua por mais que não fosse unificada dentre todos os povos, trouxe um potencial de abstração e de ficção que contribuiu para a independência biológica do ser humano. De acordo com Harari o *Homo sapiens* é capaz de alterar seu comportamento e a tecnologia sem uma mutação genética ou alguma alteração ambiental.

A abstração vinda do símbolo e da linguagem permitem a formação de realidades imaginadas por serem desenhos gráficos e físicos das mesmas, estas criam uma rede de instintos artificiais que são chamados de Cultura, que permanece em constante mutação. Por contraste a ausência de conhecimento é a ignorância, que faz parte do pensamento lógico e é a aceitação racional de que a humanidade não detém a verdade de tudo. Isso permite com que o método científico, processo que ofereceu à condição humana uma série de "superpoderes" e uma ideia de progresso até então inexistente.

Ao continuar a coletânea de pensamentos sobre o conceito tratado adentra-se em teorias consideradas modernas sobre o tema. O antropólogo Roger Keesing elabora um artigo em que subdivide por categorias as teorias modernas sobre o conceito. Tem-se início com aquelas que consideram a **cultura um sistema adaptativo**, da qual o pensador Leslie White citado anteriormente participa. Ele e alguns outros antropólogos apesar de possuírem divergências entre si chegam a um ponto em comum, que trata a cultura como um sistema de padrão de comportamento socialmente transmitidos com a finalidade de "adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos" isso inclui economia, tecnologia, arte, religião, política, entre outros.

A segunda categoria é a de teorias idealistas de cultura com três diferentes abordagens A primeira que trata a **cultura como sistema cognitivo**, a segunda trata da **cultura como sistema estrutural** e a terceira é a **cultura como sistema simbólico**. Pensando a partir do sistema cognitivo, a cultura se encaixa naquilo que alguém precisa crer ou conhecer para

fazer parte de uma sociedade. Isso faz com que a cultura se encaixe logicamente no mesmo sistema da linguagem, que é algo observado e absorvido com a finalidade de participar do meio comunicativo social. Já o pensamento da cultura como sistema estrutural retoma o já citado Claude Lèvi-Strauss que fala sobre a geração de símbolos como forma acumulativa de absorver e participar da história humana. Este autor trata de subtemas como mito, arte, parentesco e linguagem, ele chama de “os princípios da mente que geram essas elaborações culturais”.

A terceira categoria, da cultura como sistemas simbólicos tem sua principal fonte em dois antropólogos americanos Clifford Geertz e David Schneider. Geertz trabalha com a definição de homem a partir da definição de cultura indo contra a ideia de homem ideal. Sendo assim a cultura passa a ser um conjunto de mecanismos de controle que governam o comportamento, com planos e regras. Para o autor todo ser humano é apto a obedecer estas ordens assim podendo viver inúmeras vidas em qualquer parte do planeta inserida na cultura local, mas viverá apenas uma vida pois está condicionada ao contexto local e específico de onde irá de fato crescer. Para Geertz também vale o pensamento de que os símbolos não estão apenas dentro da cabeça do indivíduo, mas sim são significados partilhados dentre os atores culturais, trata-se do público e não do privado. O segundo autor Scheider apesar de fundamentalmente pensar de forma semelhante a Geertz tem uma abordagem diferente, que explica em seu livro *“American Kinship: A cultural account”* tratando a cultura como um sistema que compreende regras e unidades sobre o comportamento, mas que epistemologicamente não depende de sua observabilidade, ele afirma que mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais.

Certamente após estas teorias e organizações de conceitos surgirão outras que vão refutar as anteriores ou apenas acrescentar argumentos, a intenção é a de traçar um panorama do que se pensa sobre a cultura do ponto de vista antropológico até os tempos modernos. Roque de Barros Laraia ajuda a desenhar esta imagem e o que segue de grande importância para este trabalho é a relação da cultura como condicionante social, como uma ferramenta que o ser humano utiliza para absorver, se adaptar e crescer no meio social. Aqui ela está sendo colocada como algo fundamental na formação principalmente de crianças e jovens e para isso arquitetonicamente deve-se trabalhar provendo espaços e ferramentas catalizadores desta função.

Cultura e suas intersecções

Para colocar num espaço mais contemporâneo de tempo é necessário citar a intersecções de culturas, qual o resultado deste encontro. Como foi visto anteriormente o ser humano é o único animal que tem como habitat toda a superfície terrestre, este mesmo que é capaz através do desenvolvimento de habilidades cognitivas que o permite aprender, criar e ensinar. O encaminhamento da sociedade para uma vida com maior presença da tecnologia é inevitável. Esta grande rede de conexões, de trocas e sobreposições culturais é chamada de Globalização.

Por mais que em se tratando de conhecimento a soma é sempre muito bem-vinda e próspera, quando a questão inclui religião, costumes, hábitos, a diferença num modo amplo e intenso nem sempre os resultados são positivos. O contato entre duas ou mais culturas promove mudanças bruscas e rápidas, assim como um marco como uma situação dramática de catástrofe, grande mudança política ou inovação tecnológica. Sociedades isoladas continuam a mudar, no entanto mais lentamente, é uma mudança interna, diferente da que vem com o contato, que é externa e geralmente mais acelerada.

O tipo de mudança externo e mais acelerado é o mais atuante na sociedade do século XXI, vem com ela o conceito de Aculturação, que é bastante exemplificado pelo quadro “O Abapuru”, de Tarsila do Amaral, trata-se de uma obra que retrata o movimento modernista no auge do seu antropofagismo. No entanto junto dessa soma existe o estranhamento e o choque de culturas que claramente resultam em conflitos sociais e políticos dados seus momentos históricos.

A situação brasileira em meio essa chuva de conceitos é ainda dentro do mais comum, uma mudança constante externa e rápida, apesar de não homogênea ao longo do país por causa de sua superfície extensa. O Brasil, assim como o restante do globo, está envolvido num meio de rápido desenvolvimento tecnológico e assim tem-se uma aceleração em suas mudanças num ritmo nunca enfrentado. A chegada de informações passa de ser diária para ser de hora em hora, de minuto a minuto, ou seja, é necessário levar em consideração esse ritmo ao pensar no momento cultural pelo qual o país passa.

Arquitetura como condicionante de desenvolvimento social

O exemplo mais claro e cotidiano que demonstra a arquitetura como quesito que condiciona espaço em que serão desenvolvidas atividades de cunho cultural e de ensino são as escolas. Em sua síntese é um espaço que propõe o abrigo e junção de crianças ou adolescentes para a troca de informações vindas de uma instituição, de alguém pedagogicamente capaz de fazê-lo. Estes mesmos educadores participam de propostas inovadoras ou mesmo pesquisas de novos e melhores modelos de ensino. Devido à falta de projetos vindos do lado administrativo dessa área junto e derivado também de uma falta de incentivo institucional financeiro, muitas vezes estas novas propostas ficam engavetadas ou não têm condições de se desenvolverem.

A arquitetura proporciona um dos quesitos básicos desse desenvolvimento, que é o espaço orquestrado para que isso aconteça. Principalmente num meio urbano que incita violência e repulsa do pedestre ao espaço público pela falta de acolhimento e desenho urbano de qualidade. Num bairro periférico com a priorização de condomínios fechados com altos muros a questão do jovem com a cidade, com o espaço público e com a aproximação do mesmo com as escolas disponíveis fica em segundo ou terceiro plano. Dadas estas condições a arquitetura deveria ter mais espaço para exercer seu papel cooperando com a educação social.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DO LOCAL E INSERÇÃO URBANA

Pontos além da geografia

Feita a escolha do tema e todas suas considerações dá-se continuidade trazendo agora para o território físico, para a localidade do terreno. O terreno não é apenas uma geografia que abriga a ideia do volume, mas sim uma série de aspectos locais e de urbanidades que precisam ser levadas em consideração. De nada adianta implantar um objeto que condiciona questões de apoio ao ensino básico obrigatório em locais que não possuem uma população que suporte essa proposta. Afinal a arquitetura não é feita para ser apenas observada, trata-se de paredes que comportam vida em seu interior.

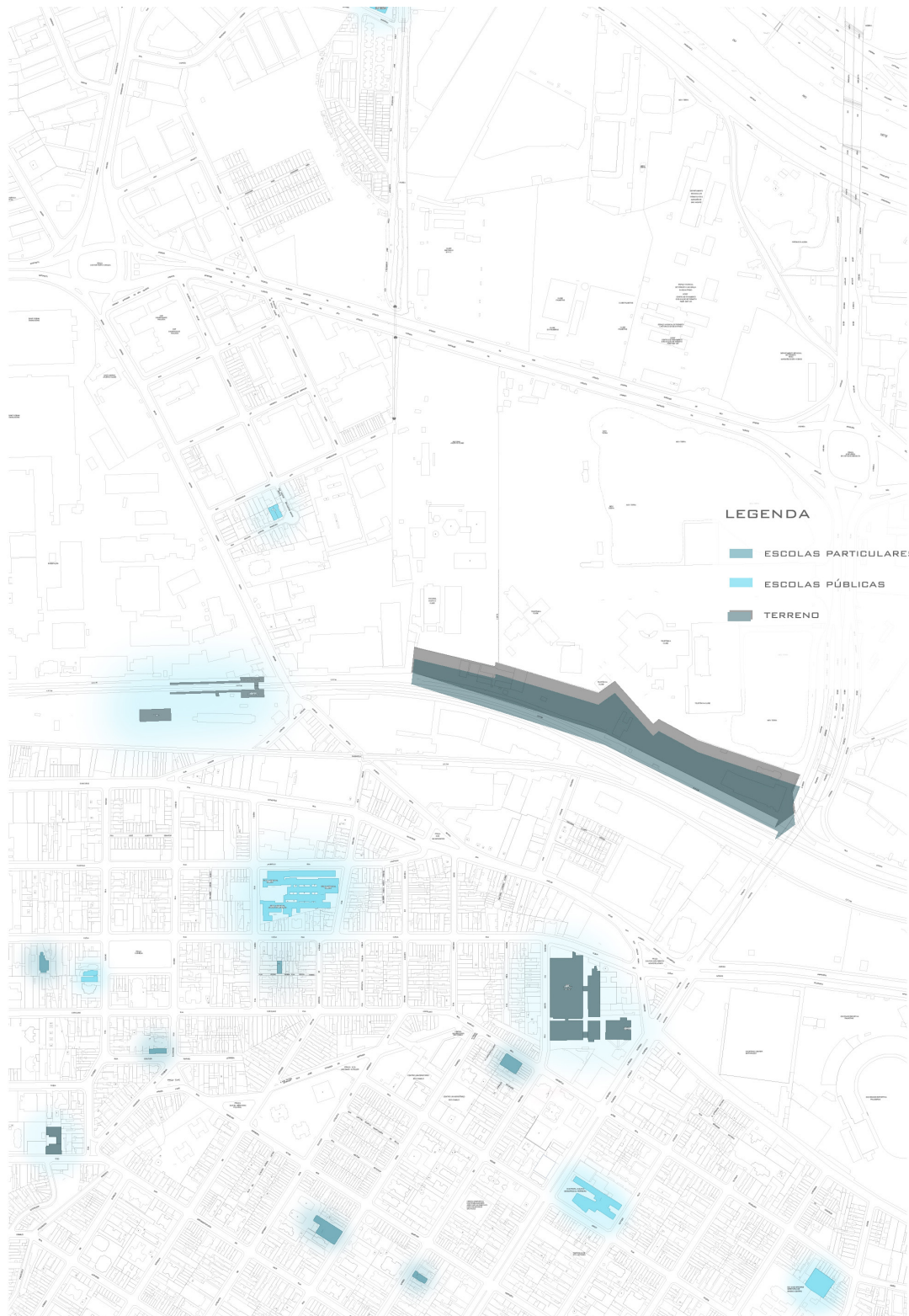
Posto este ponto foi iniciada a análise de áreas da cidade de São Paulo. Inicialmente no centro da cidade, local em que ao longo do curso inúmeros estudos foram feitos, análises e projetos desenvolvidos trazendo um conhecimento geográfico/social maior para tratar do assunto com mais propriedade. Ao pensar no bairro da Luz e mapear centros culturais, escolas de teatro, de dança, artes manuais conclui-se que a área possui uma quantidade bastante grande destas infraestruturas e que por mais que nem sempre estejam em condições ideais, elas estão ali. Como a proposta não é de criar um percurso entre elas e nem de recuperar sua integridade física este não era o local ideal e então seguindo a linha de trem/metrô, já que a presença de transporte público é um dos fatores de acessibilidade dá-se ao encontro com uma região também antiga e mais industrial, com galpões em desuso. A estação Lapa da linha 7-rubi da CPTM foi a que chamou a atenção por estar ao lado de uma bonita fachada a qual pertencia à Estação Ciência da Universidade de São Paulo (USP). Ao visitar este terreno a informação foi de que ela havia sido desmontada e o local daria espaço à um comércio, com pequenas lojas. É interessante ressaltar como isso corrobora e demonstra o atual desinteresse pela educação no país, dado programa da Estação Ciência que era bastante extenso e promovia inúmeros projetos sociais e de desenvolvimento humano além do ensino de disciplinas relacionadas ao tema. Seu programa incluía laboratórios de pesquisa e experimentações que envolviam também o público que não participava destes projetos para que houvesse uma familiarização maior popular em relação a importância dos mesmos no âmbito de desenvolvimento social e também programas de excursões para museus e outras instituições de cultura. Além de proporcionar estas relações e experiências era proporcionada a troca de conhecimento que é sempre agregador para seus participantes, pois de nada adianta adquirir isso tudo sem poder usa-los a seguir em prol de algo. No entanto essa estrutura não mais existe lindeira a estação da Lapa. Surgiu a vontade e a ideia de reconstruir um espaço que abrigasse todo esse conteúdo ainda que ampliando seu conteúdo cultural nessa mesma região privilegiada pela acessibilidade e na linha do trem fui procurando terrenos com galpões inutilizados e com espaço suficiente para reforma-los, com a intenção de reler esta linguagem arquitetônica já conhecida da região e ainda acrescentar algo novo, tendo como exemplo a expansão do museu de arte de Harvard feita por Renzo Piano.

Achado um terreno interessante com estas características de pré-existências e numa forma linear, próxima de um parque na Lapa passei a estudar a possibilidade de implantação desse equipamento. Pesquisei seu entorno, o uso do solo predominante, os polos de cultura ali presentes e os fluxos de pedestres que conectava tudo isso, já que o público alvo era de crianças e jovens em formação escolar e universitária, que majoritariamente não utilizavam carros e sim transportes públicos, bicicletas e outros transportes alternativos.

Dois fatos fizeram com que eu não escolhesse este terreno. O primeiro era de que não haviam escolas o suficiente em seu entorno que possibilitasse uma potencialidade pública para o uso. As poucas que existem ficam a uma distância peatonal mínima de vinte minutos e a outra constatação foi a de que a princípio pensava que fosse algo bom o fato de que o terreno estava linear e paralelo à linha do trem trazendo acessibilidade e um partido interessante, mas buscando a fundo percebo que a linha do trem se torna uma cicatriz no solo que impede o acesso de metade das escolas, que já estavam um tanto distantes do destino proposto.

Ou seja, na Lapa havia um partido interessante geográfico e regional que partia da linearidade e das pré-existências do terreno e também da ideia de realocar a Estação Ciência próxima de onde ela se encontrava, mas agora de forma mais bem utilizada e intensificada. Em contrapartida nada ali garantia o básico para sustentar a proposta, que eram escolas principalmente públicas com alunos para frequentarem o então complexo que integrava artes e ciências (de forma claramente remetente à Estação Ciência).

Figura 1 –Mapa das escolas do entorno (Lapa)

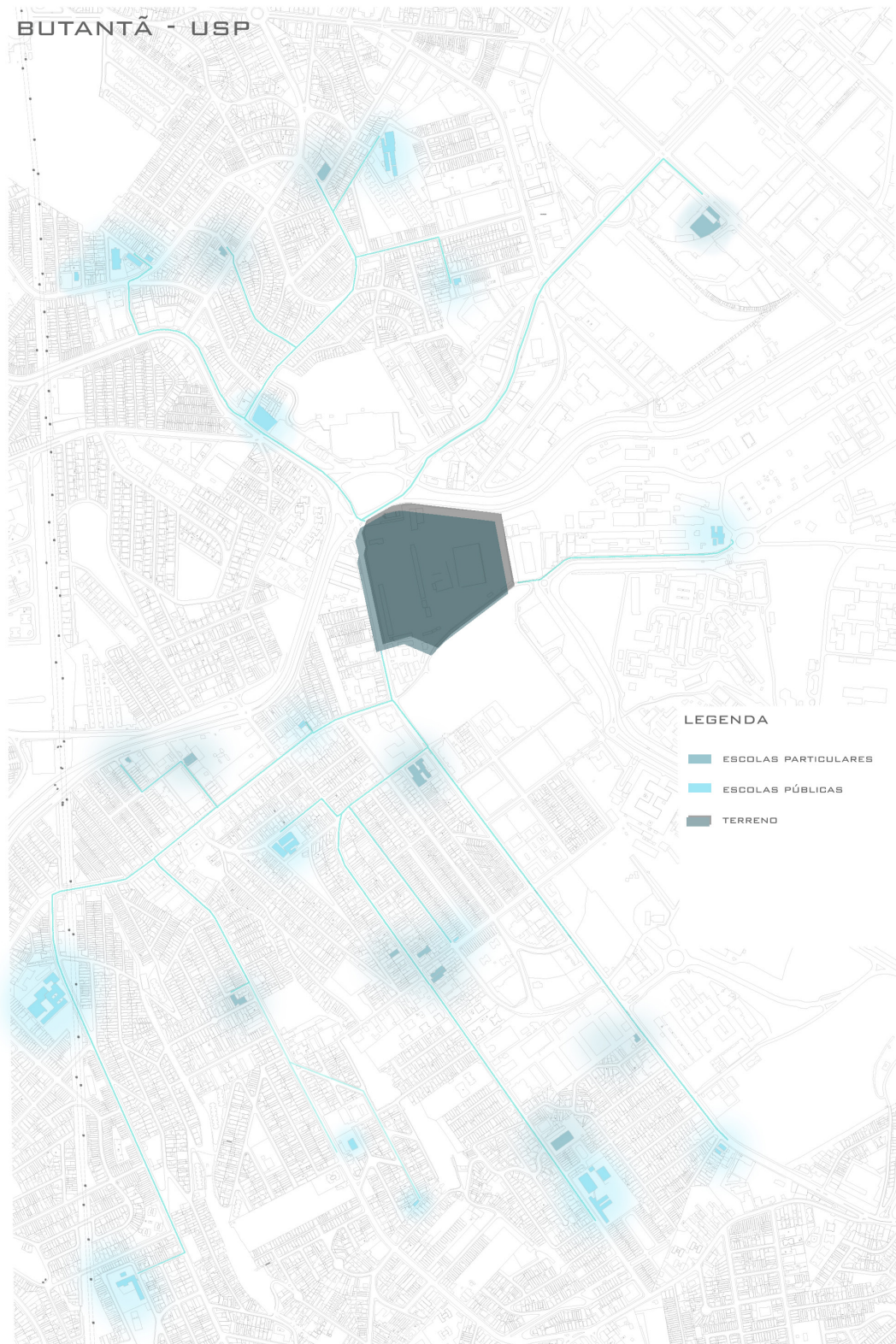


Fonte: PRODUZIDO PELA AUTORA.

De volta ao marco zero no quesito localização busquei por polos educacionais na cidade em lugares menos privilegiados economicamente. Expandi o raio em relação ao centro de São Paulo e cheguei ao centro expandido, onde se localiza a USP. Nessa região que une o Jaguaré, Osasco e o Butantã deparo-me com grandes vazios verdes de posse da polícia militar, um potencial imobiliário em ascensão, favelas, residências populares e a Cidade Universitária. Comecei então o mesmo processo feito na Lapa para encontrar potencialidades em relação ao público ali presente e sua acessibilidade ao terreno.

Os resultados foram visivelmente melhores, encontrei escolas que ficavam a uma distância mínima de cinco minutos a pé. Mapeei cerca de vinte e seis escolas que ficavam até vinte e cinco minutos a pé de distância e seus percursos. Localizei as principais vias e ciclovias também chegando à conclusão de que era um terreno com o potencial necessário para essa proposta de projeto. A relação de escolas públicas e particulares foi bastante próxima de um para um, ainda adequada aos princípios esperados e além disso ficava a uma pequena via de distância da USP, perto do portão três na Av. Corifeu de Azevedo Marques.

Figura 1 –Mapa das escolas do entorno (Butantã)



Fonte: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Frontalidades

O perímetro do terreno escolhido é além de bastante extenso, não é nada ortogonal, é próximo a de um pentágono dando margem a diferentes situações da cidade. No caso da região escolhida isso realmente acontece. Grandes avenidas como a Politécnica, a Jaguaré e a Corifeu de Azevedo Marques se cruzam nesse mesmo ponto formando uma praça de tamanho bastante considerável em frente ao terreno. Essa praça apesar de ter um bom tamanho é apenas um campo de grama sem um bom acesso e sem qualquer uso, além do estar e descanso de pessoas que fazem malabares e limpam vidros nos faróis. Cruzando esta praça encontra-se um supermercado de acesso priorizado ao veículo, um posto de gasolina e alguns condomínios de prédios murados. Do lado direito do terreno encontra-se um terreno com galpões industriais no centro do lote cercados por uma quantidade grande de mato e algumas árvores. Este último também murado.

A continuação de prédios de uso militar se estende para a parte de trás do lote, também edificações mais espaçadas com áreas verdes densas e muradas. Atrás desse terreno da polícia dá-se início à pequena rua de pedestres que sobe o morro da São Remo, comunidade que falarei um pouco mais a fundo adiante. Sua frontalidade com a Av. Corifeu de Azevedo Marques é caracterizada por comércios e condomínios fechados de prédios com algumas pequenas e antigas residências em seus intermédios. Esta é a que mais tem fluxos de pedestres e também a cota mais baixa do terreno. Por fim existe os muros da Cidade Universitária, que a poucos metros desta via que delimita a São Remo chega no terreno de projeto. Mais adiante trarei novamente estas características para trata-las a nível de projeto, mas aqui é suficiente que consideremos sua existência.

Pensando no nível geográfico o terreno encontra-se numa pequena depressão entre o supermercado Extra e a comunidade Jardim São Remo, sua cota mais alta é a 105m contando que a RN é 100m (nível da Av. Corifeu). No entanto o terreno não tem esse aclive contínuo, é como se na metade da área ele subisse até a cota mais alta e voltasse a cair. Situação bem diferente da qual encontrei antes na Lapa com um terreno sem desníveis.

Figura 1 –Mapa das frontalidades



Legenda: 1-Supermercado Extra; 2-Postos de gasolina; 3-Comunidade Jardim São Remo; 4-USP; 5-Condomínios fechados; 6-Galpões Industriais; 7- Residências de médio padrão.

Entre escalas

A região a ser trabalhada possui outro ponto relevante ao pensar questões de projeto. Sua escala não está a nível urbano e nem na escala do objeto, sendo assim agora é necessário refletir usos e a segmentação do assim chamado lote, para que trabalhe harmonicamente com seu entorno, mas que também tenha a permeabilidade e a escala do pedestre presentes. Foi de suma importância fazer estudos de casos que permitissem essa compreensão, de área, de usos e de escala. De início muitos croquis foram feitos com o entorno na escala 1:2500 para que se compreendesse mesmo que de forma abstrata a divisão de frontalidades, curvas de níveis/patamares e percursos que ligassem diferentes partes da cidade que circundam o lote. Uma vez pensada e repensada essa questão é que foi possível aproximar a escala para 1:750 pensando apenas no entorno imediato, em que outras questões foram sendo digeridas.

Um dos estudos que trouxe mais aproximação foi a universidade PUC-Chile, que traz a ideia de Cidade Universitária também, mas num âmbito mais pedestrializada com pátios e bosques internos, percursos entre os edifícios e bastantes elementos da natureza.

Jardim São Remo e Cidade Universitária

O Jardim São Remo possui cerca de 13 mil habitantes e como já foi dito é um território complicado, como qualquer comunidade em território paulista. Na zona oeste da cidade encontra-se um morro cheio de casas bastante pobres que ficam a um muro de distância da USP-Butantã. Muitas pessoas que ali habitam trabalham na Cidade Universitária, são dois mundos que de certa forma com ou sem desavenças estão integrados de certa maneira. Esse fato gera um fenômeno neste território que faz com que o nível de educação e cultura de seus moradores seja díspar de seu nível socioeconômico. São pessoas que convivem com o ensino e a cultura, mas muitas vezes não conseguem alcançá-lo apesar de dentro do São Remo exista a ONG chamada Projeto Alavanca, destinada a promover inclusão social na comunidade. A questão envolve muito mais do que separações físicas, envolve além de tudo a falta de projetos na área de ensino.

A Universidade de São Paulo foi fundada em 1937 partindo de um decreto assinado pelo governador Armando Salles de Oliveira e na década de 40 a Escola Politécnica começou a ser transferida da Av. Tiradentes para o Butantã. No entanto a maior parte de sua infraestrutura foi migrada na década de 60, quando grande parte dos cursos de exatas e biológicas eram localizados no campus de Higienópolis. De acordo com pesquisas feitas por membros do Projeto Alavanca a São Remo teve início com a moradia de pessoas que trabalhavam na construção do campus e o terreno da comunidade encontra-se no nome da universidade em forma de Comodato, conhecido como empréstimo de posses públicas.

Atualmente existe um muro separando a habitação do território de ensino. Esta construção foi feita entre os anos de 1995 e 1997 com o objetivo de preservar a instituição da-

dos alguns casos de depredação ou violação de regras de jovens supostamente designados à comunidade. Uma série de questões até mesmo mais sérias de violência foram envolvidas como o apedrejamento de ônibus que foram também incendiados. Hoje o acesso ao campus passou a se dar através de dois portões de pedestres, que são usados por moradores do Jardim São Remo e por outros moradores da região que trabalham na USP.

De acordo com o jornal Nexso na reportagem “Como é a relação entre a Cidade Universitária e a comunidade São Remo” por André Cabette Fábio em setembro de 2016 que entrou em contato com membros da Associação de Moradores do Jardim São Remo e da Associação Poliesportiva São Remo o muro construído não resolve problema algum. O muro não diminui a violência e nem as depredações associadas aos moradores da São Remo. A questão tratada foi que antigamente existiam atividades sociais relacionadas à comunidade nos finais de semana e hoje nem os museus mais ficam abertos para visitaçã, existe apenas um bosque sem grande uso.

A questão tratada acima prova que a falta de integração entre as partes apenas segrega uma população desfavorecida de projetos sociais e de ensino e aumenta a violência gerada pelo mesmo motivo. A separação física de território nesta área é dada inclusive por arame farpado demonstrando medo, agressividade e uma separação ostensiva. Por outro lado muitas faculdades dentro da USP se utilizam da população vizinha para realizar pesquisas, como na área de biologia, veterinária e psicologia.

Dentro do Jardim São Remo além da ONG Projeto Alavanca existem outras dinâmicas, como o Espaço Girassol, com o fim de complementar a atividade escolar das crianças da região e trabalhos como o “Sarau do Remo: a voz e a vez”. Pode-se considerar que a comunidade funciona sob lógicas da universidade já que o terreno a ela pertence. Projetos de reurbanização da área já foram pensados incluindo unidades de moradia da CDHU, no entanto desde 2015 a universidade conseguiu fazer com que funcionasse num terreno doado um posto de saúde (UPA) para desafogar os casos que chegavam ao hospital universitário e também em junho do mesmo ano doou um terreno para a construção de uma creche.

CAPÍTULO 3

ESTUDOS DE CASO

Praça das Artes

Figura 4 – Croqui Praça das Artes



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

A praça das artes é um espaço cultural na região da República, centro de São Paulo que integra programas de música e de dança e soma uma área de cerca de 36 mil m². O projeto de 2012 tem autoria de Marcos Cartum, do Núcleo de Projetos de Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura, e o escritório paulistano Brasil Arquitetura, de Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz e um de seus objetivos era a requalificação do centro da cidade. Esta construção não parte de um espaço livre e em branco, ela nasce no meio de grandes pré-existências históricas com conflitos sócio econômicos típicos da centralidade. Sendo assim não é apenas um espaço de propagação cultural, mas também algo que precisa tomar conta da questão conflituosa do espaço público e residual presente.

Seu programa integra as sedes das Orquestras Sinfônica Municipal e Experimental de Repertório, dos Corais Lírico e Paulistano, do Balé da Cidade e do Quarteto de Cordas junto também das Escolas Municipais de Música e de Dança, do Museu do Teatro, do Centro de Documentação Artística, além de restaurantes, estacionamento subterrâneo e áreas de convivência.

O centro e seu enorme potencial foi enfraquecido pela construção de imensos shoppings e condomínios fechados resultando em bolhas isoladas que matam a dinâmica heterogênea desta parte da cidade. Com o livro intitulado “Praça das Artes” (idealizado pela Brasil Arquitetura com contribuições de Victor Nosek, fotografias de Nelson Kon e depoimentos de Nosek, do ex-Secretário Municipal da Cultura Carlos Augusto Calil, do jornalista Paul Juste Lores, do arquiteto e crítico

Luis Antonio Jorge e dos autores do projeto Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz e Marcos Cartum) podemos ler sobre esse tipo de questão da centralidade paulista relacionada à praça das artes.

“Durante o processo histórico que tornou o centro da cidade obsoleto, nossa sociedade sacrificou uma rede rica e dinâmica de espaços públicos e edifícios notáveis, com características únicas em sua qualidade urbana e arquitetônica. Começando a utilizar este enorme potencial adormecido, a redescoberta do centro volta a lançar a ideia de espaços públicos em si, enfraquecida pelo crescente número de centros comerciais, condomínios murados, ruas de acesso restrito e todo o tipo de edifícios isolados. Hoje, está em andamento um movimento em direção à reocupação e reapropriação espontânea do centro, uma demanda que as autoridades públicas precisam estar sintonizadas. ” (NOSAK, 2013, p.7)

No momento presente, concordando com o livro há uma movimentação a favor da reconstrução destes espaços públicos tão importantes para o crescimento da cidade. O autor compara o espaço público à fase da infância do ser humano, em que estamos livres da pressão e da indução ao consumo. Espaço livre da obrigação à produtividade da vida adulta onde a vida pode ser vivida livremente. De modo mais palpável este espaço é o espaço entre, que conecta as infraestruturas urbanas, onde a história acontece, é também o caminho do ir e vir diariamente, a pausa do fluxo e a intermediação dos acontecimentos privados. Ainda de acordo com Nosak, o espaço público acontece sem que precise de nossa atenção, ele abriga sem reprimir. Desta maneira o pensar sobre e o desenho do espaço público torna-se um dever ético da arquitetura.

“O que é o espaço público hoje em dia, se não o espaço em que estamos seguros, da pressão induzida ao consumo, onde podemos viver livremente sem sermos obrigados a consumir? O poeta José Paulo Paes definiu a infância como o tempo em que “a vida é de graça”. Da mesma forma, pode-se definir o espaço público como o espaço da infância da cidade, um espaço pendente entre os espaços adultos, o tempo roubado da vida produtiva, o espaço para o tempo livre. Se Roland Barthes já observou que “não há biografia a menos que a da vida improdutiva”, seria plausível presumir que não há história da cidade, a não ser a do espaço público ou da vida ali manifestada. ” (NOSAK, 2013, p.68)

O ambiente resultante desse espaço é algo que experimenta e induz a mistura e a integração de um público heterogêneo. No estudo de caso têm a mistura de músicos e musicistas com bailarinos e bailarinas criando um ambiente propício a experimentação, a novas dinâmicas e diferentes trabalhos a serem desenvolvidos.

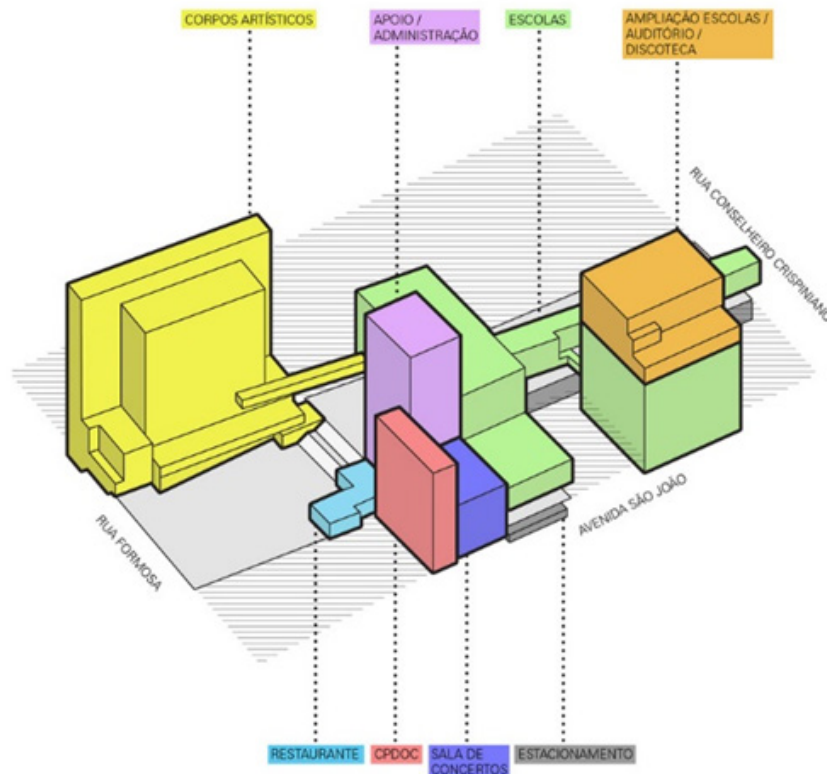
“Espera-se que, compartilhando o mesmo espaço, encontros entre estudantes de música e dança, músicos profissionais e estudantes de música, bailarinos da City Ballet Company e aspirantes a bailarinos e outras combinações possíveis, contribuam para relações dinâmicas entre os dois mil usuários imediatos da Praça das Artes.” (NOSAK, 2013, p.8)

A ideia desenvolvida na Praça das Artes, que se aproxima ao conceito de fachada ativa, é cativante no sentido de que conquista o pedestre e o convida a conhecer este novo aspecto urbano, cria vitrines que expõe aqueles que criam estas experimentações lá dentro. De acordo com o urbanista Jan Gehl quando o pedestre anda cerca de duas quadras de distância com interessantes visuais, estimulantes e que desmontam o medo que geralmente se tem de andar na cidade, principalmente perto de comunidades carentes é claramente um benefício urbano, diferente de quando o percurso de mesma metragem é feito ao longo de altos muros e cercas com pessoas isoladas dentro. O partido aqui é o de criar fachadas próximas à aquários que mostram tanto artistas quando pesquisadores comprometidos e profundamente tocados por seus trabalhos sejam eles isolados ou integrados.

Em se tratando do projeto da praça propriamente dito, ela restaura, reabilita e se integra ao antigo Conservatório Dramático Musical de São Paulo, um importante marco histórico e arquitetônico da cidade que abriga uma rara sala de recitais, que há décadas encontrava-se inutilizada. Um complexo com novas edificações foi construído com espaços de circulação e estar que abrigam as instalações para o funcionamento das Escolas e dos Corpos Artísticos do Teatro Municipal.

“Belamente descrito pelo urbanista, Jan Gehl, os pavimentos precisam se comunicar entre os ambientes construídos e os pedestres. Caminhar por quatro quarteirões de lojas, bares, vitrines e mesas de bar na calçada faz um passeio fácil; no entanto, quatro blocos de tamanho igual, com muros altos ou cercas, fachadas sem abertura, estimulam o pedestre a procurar o primeiro carro disponível. ” (NOSAK, 2013, p.29)

Figura 5 – Diagrama de usos praça das artes.

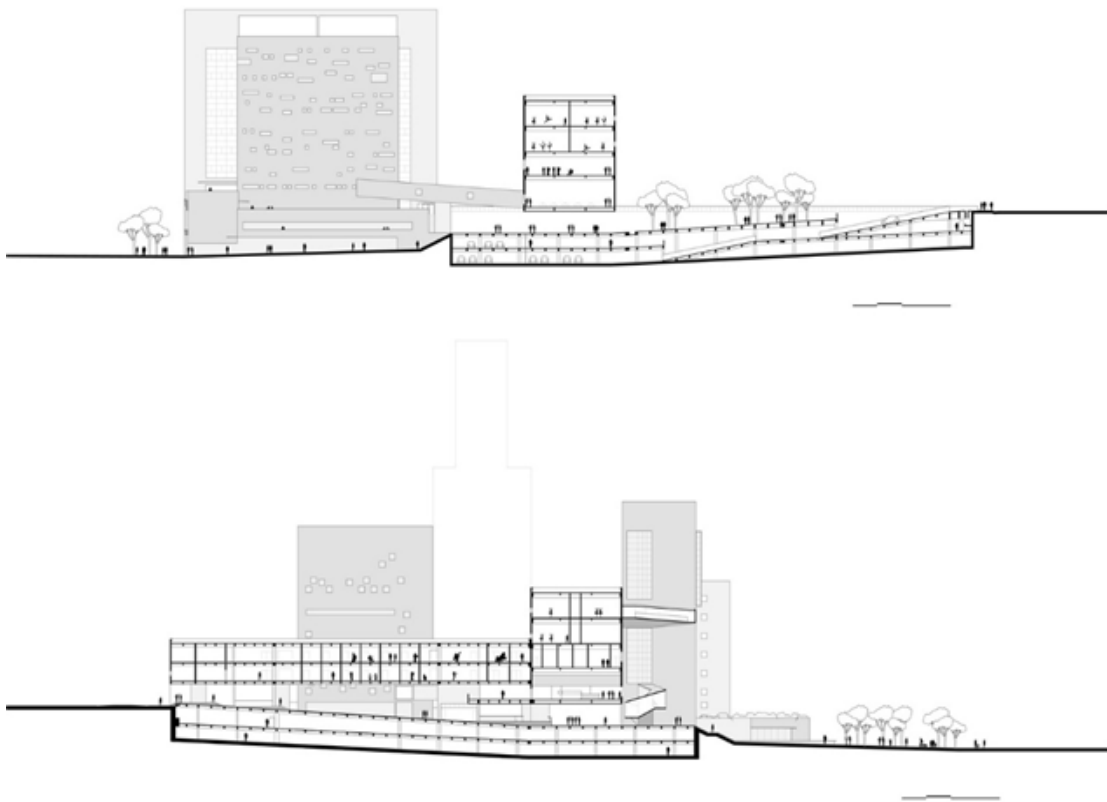


Fonte: ARCHDAILY, 2019.

Acima trago um diagrama de usos bastante didático que mostra a restauração e ampliação do antigo Conservatório unido ao projeto de escolas, corpos artísticos, administração sala de concertos, CPDOC, restaurante e estacionamento. Com dos dois cortes longitudinais abaixo, que incluem as ruas Conselheiro Crispiniano e a rua Formosa pode-se observar a fluidez do espaço entre as construções que suavemente transpõe o pedestre de um nível ao outro. Ainda vale falar do equilíbrio que a construção estabelece com o espaço vazio, por mais que sejam monólitos que variam de dois a treze andares (gabarito) densos e bastante vistosos eles possuem espaços vazios proporcionais a eles contando ainda com o térreo de cada bloco como área pública.

Penso que um dos pontos fortes deste estudo de caso é a sua relação com a cidade de modo bastante agregador no quesito qualidade espacial e melhora urbana não só da violência bem como da sensação de segurança, que são coisas diferentes dado que podemos nos sentir inseguros em locais que não tem altos índices de violência, mas por questões físicas urbanas dão a sensação de ameaça. Outro ponto positivo é também a já citada integração de públicos de um mesmo meio que é a arte. Ao criar este território comum a conexão interdisciplinar apenas faz crescer a possibilidade de projetos de arte, é como um amplificador de potência daqueles que estudam no local.

Figura 6 – Cortes longitudinais da praça das artes.



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

“Além das árvores e dos futuros bares e restaurantes no chão, várias salas de ensaio terão vitrines embutidas, criando tanques de peixes onde os transeuntes poderão observar voyeuristicamente os artistas profundamente comprometidos que fazem arte.” (NOSAK, 2013, p30)

Figura 7 – Croquis Praça das Artes (2)

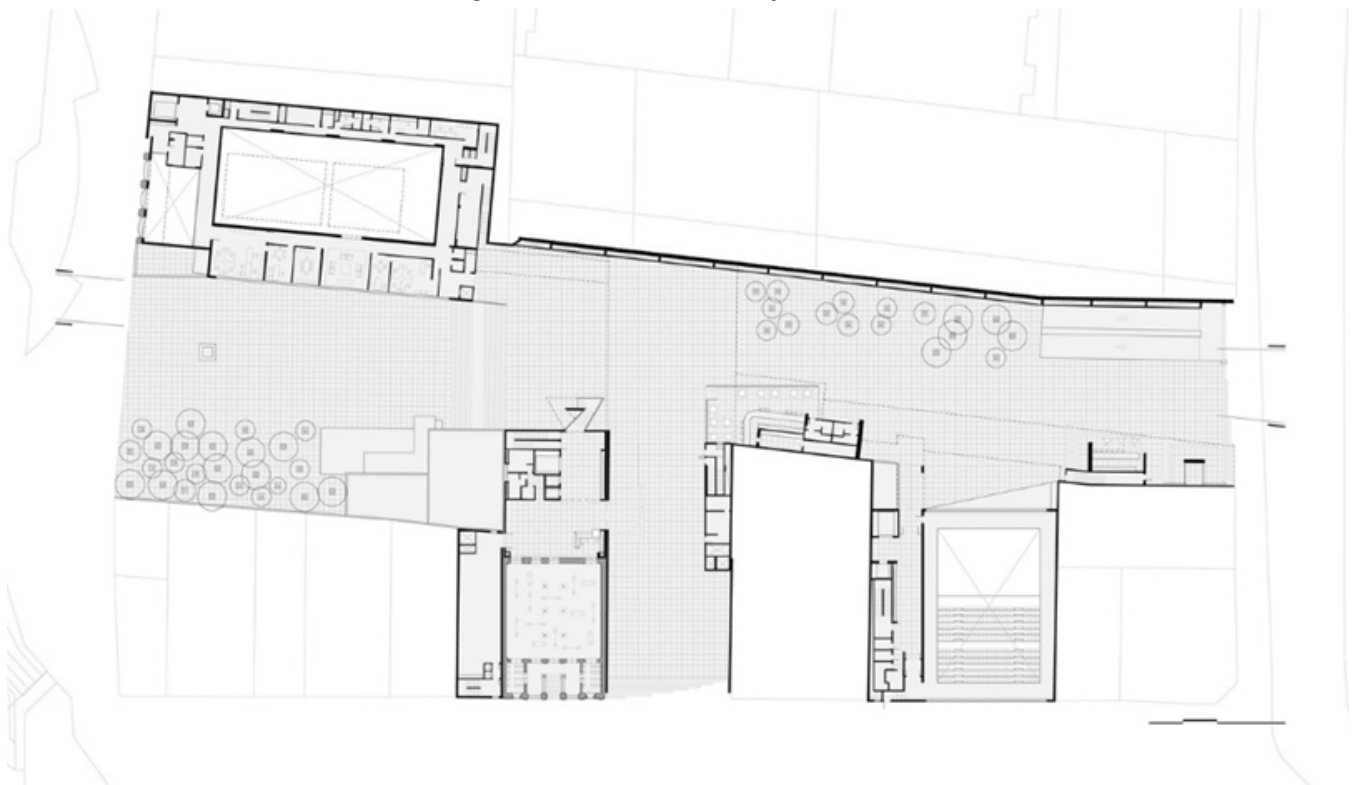


Fonte: ARCHDAILY, 2019.

Ao pensar na relação do entorno do projeto acima e do que está sendo proposto com este trabalho final de graduação a relação é clara e muito contrastante dado que a Praça das Artes se encontra numa área central altamente urbanizada e consolidada e o que proponho está no limite do centro expandido da cidade de São Paulo, lugar que está ainda em crescimento, mas sem tanto planejamento urbano no que se trata da qualidade cultural e de espaços públicos da cidade.

Além da relação externa com a cidade tratada acima, internamente a Praça das Artes possui uma relação de volumes bastante valorosa. São densas edificações que momentaneamente se desligam do térreo, mas em seus pavimentos superiores estão conectadas, prezando o espaço público de praça que atravessa a quadra de uma rua à outra. Esta é uma característica que busquei para a minha implantação, que era de conectar pontas do terreno que atualmente são inutilizadas.

Figura 8 – Planta do Térreo, Praça das Artes.



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

Utopia, Biblioteca e Academia de Artes Cênicas

Figura 9 – Vista do pátio interno – Biblioteca Utopia.



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

O novo edifício da Biblioteca da Universidade de Artes Cênicas projetado pelo escritório KAAN Architecten encontra-se em Aalst na Bélgica e foi inspirado no livro “Utopia” de Thomas More. O livro de 1516 retrata uma ilha com a “sociedade perfeita” uma república imaginária governada pela razão e tem como objetivo realçar o contraste com a realidade cheia de conflitos da política europeia da época em que foi escrito. Seu título “utopia” vem da palavra no grego que significa lugar nenhum. A ilha imaginada por More é perfeita não só na concepção política, com os cidadãos gozando da eficiência do Estado, mas também a religião também retrata o tratamento ideal entre humanos.

A nova edificação, assim como o primeiro estudo de caso aqui presente interage com uma pré-existência, que é o antigo edifício de 1880 que foi nessa época uma escola de ensino fundamental para filhos de militares apelidada de Pupillenschool. No livro “Utopia” de More, a cidade e seus moradores estão inteiramente conectados, assim como os espaços internos e externos desta obra, as quais se integram e interagem através das grandes aberturas recortadas nas antigas paredes de alvenaria. O acesso para o novo edifício encontra-se na praça interna, entre o café e o auditório. O projeto buscava ser inserido no tecido urbano com o intuito de valorizar e ressaltar as características singulares das ruas irregulares e dos espaços públicos da região. Três novas praças foram criadas em frente à três das mais importantes vias urbanas de Aalst: a Esplanadestraat, a Graanmarkt e a Peperstraat.

Figura 10 – Perspectiva axonométrica do conjunto – Biblioteca Utopia



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

A relação entre o novo e o antigo também é feita através da materialidade. O antigo é feito de tijolos maciços com o padrão de tamanho e cores mais tradicionais e estes contrastam harmonicamente com o novo padrão especial de 50 x 10 x 4 centímetros usados no sentido horizontal junto de partes em concreto aparente. A volumetria do edifício novo fica visível a partir de qualquer ponto da universidade. Os arquitetos catalogaram as cores predominantes na cidade, o que auxiliou na escolha desse tipo especial de tijolo, chamado Red Aalst que dá ênfase à dualidade dentro da Utopia.

Figura 11 – Relação de materiais da fachada nova versus fachada antiga.



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

O projeto foi feito para que tanto interna quanto externamente os elementos históricos e as fachadas combinem perfeitamente com seus espaços. Além do auditório no térreo a Academia de Artes Cênicas ocupa os dois primeiros pavimentos da nova construção bem ao lado do átrio central. A nova estrutura acolhe a sala de balé, os estúdios de ensaios e os espaços de ensino, todos com grandes aberturas que proporcionam enquadramentos da cidade. Seguindo o raciocínio desta ampliação, as grades e os montantes da antiga Pupillenschool foram removidos para que ampliasse a paisagem vista internamente nas salas.

Figura 12 – Enquadramento interno da paisagem.



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

O desejo principal dos arquitetos era de inserir e integrar essa nova construção no tecido urbano da cidade e de acordo com relatos do cotidiano atual da população a Utopia agora é um novo ponto de referência para a contemplação da arte e da arquitetura na cidade. Já que um dos pontos fortes deste projeto é sua materialidade, vale ressaltar que a construção recebe uma excelente classificação BREEAM por usar materiais e mão de obra local além de que durante a construção foram empregados apenas equipamentos de baixo consumo energético. Painéis fotovoltaicos foram instalados como estratégia de aquecimento geotérmico e iluminação em LED além também do reaproveitamento da água da chuva previsto no projeto.

Figura 13 – Transeunte utilizando o espaço público entre os edifícios.



Fonte: ARCHDAILY, 2019.

Deste estudo de caso consigo absorver bastante de sua materialidade que é conhecida no Brasil em se tratando de tijolos e concreto aparente, mas que nesta obra aparece com uma feição um pouco mais contemporânea. A preocupação com esse aspecto da arquitetura vem de pensar uma forma que causasse identificação e familiaridade com o que já é conhecido pela população, que aqui vem da comunidade jardim são remo, dos que frequentam a USP e também dos transeuntes que tem como interesse utilizar-se apenas do espaço público comum.

Simpson-Lee House

Este terceiro estudo de caso é uma casa projetada pelo arquiteto Glenn Murcutt, inglês ganhador do prêmio Pritzker de arquitetura em 2002. Nascido em 1936 Murcutt é de família australiana e é formado pela Universidade de New South Wales em 1961. Sua arquitetura é bastante influenciada pelos arquitetos Mies van der Rohe e Henry David Thoreau e seus projetos tendem a seguir a simplicidade e o que ele chama de sustentabilidade.

“A vida não é sobre maximizar tudo, é dar algo de volta - como luz, espaço, forma, alegria de serenidade” (Murcutt, Glenn)

A arquitetura de Murcutt possui uma estética que mistura de forma harmoniosa a sensibilidade modernista com o respeito pela natureza que chega a ser próximo ao artesanal. O arquiteto tem uma opinião bastante clara sobre o que pensa em relação à sustentabilidade. Em uma entrevista cita que é uma área difícil, pois não significa consumir menos do que se produz ou planta, como muitos pensam. Especificamente na arquitetura não existem muitas opções sustentáveis em se tratando de materiais, no entanto pode-se compensar pela estratégia e pelo planejamento, orientação de fachadas, desempenho térmico e até mesmo o esforço humano pode ser considerado estratégia sustentável até certo ponto. Murcutt fala também dessa relação com a tecnologia, que parece ser a chave de todas as questões, mas seu contraponto é questionar a vida útil desses equipamentos tecnológicos, que muitas vezes precisam ser repostos a cada dez ou quinze anos tornando-se um problema ao serem descartados.

Em sua opinião, soluções como a compreensão da capacidade de resposta da terra, paredes térmicas e melhor utilização de condições do solo são soluções eficientes e que não requerem uma troca a cada dez ou quinze anos como os equipamentos anteriormente citados. Como exemplos desta questão, ainda nesta entrevista, são citados o aço e ainda paredes de barro ou similares, que possibilitam questões como a leveza e um menor dimensionamento, no caso do aço e a organicidade e possibilidade de retorno à terra no caso do barro. O arquiteto cita que particularmente quando são projetados em áreas fora da alta poluição ou que permitam proteção o suficiente para que o material tenha uma boa vida útil a utilização desses materiais é muito bem-vinda não pelo material sozinho, mas sim pela técnica aplicada nele. Para falar um pouco de sua arquitetura temos a frase de Bill Lacy secretário do júri do prêmio Pritzker:

"Ele produz uma arquitetura de lugar, arquitetura que responde à paisagem e ao clima. Suas casas estão bem sintonizadas com a terra e o clima. Ele usa uma variedade de materiais, de metal a madeira, vidro, pedra, tijolo e concreto - sempre selecionado com a consciência da quantidade de energia necessária para produzir-los."(LACY, Bill. Secretário do júri Pritzker)

A obra escolhida para o estudo de caso é uma de suas casas em New South Wales, Austrália. A obra terminada em 1994 acumula técnicas que promovem a entrada da luz solar através da vegetação por meio de cortinas retráteis. Como o restante de suas obras ela se encaixa no contexto e na paisagem de forma bastante elegante.

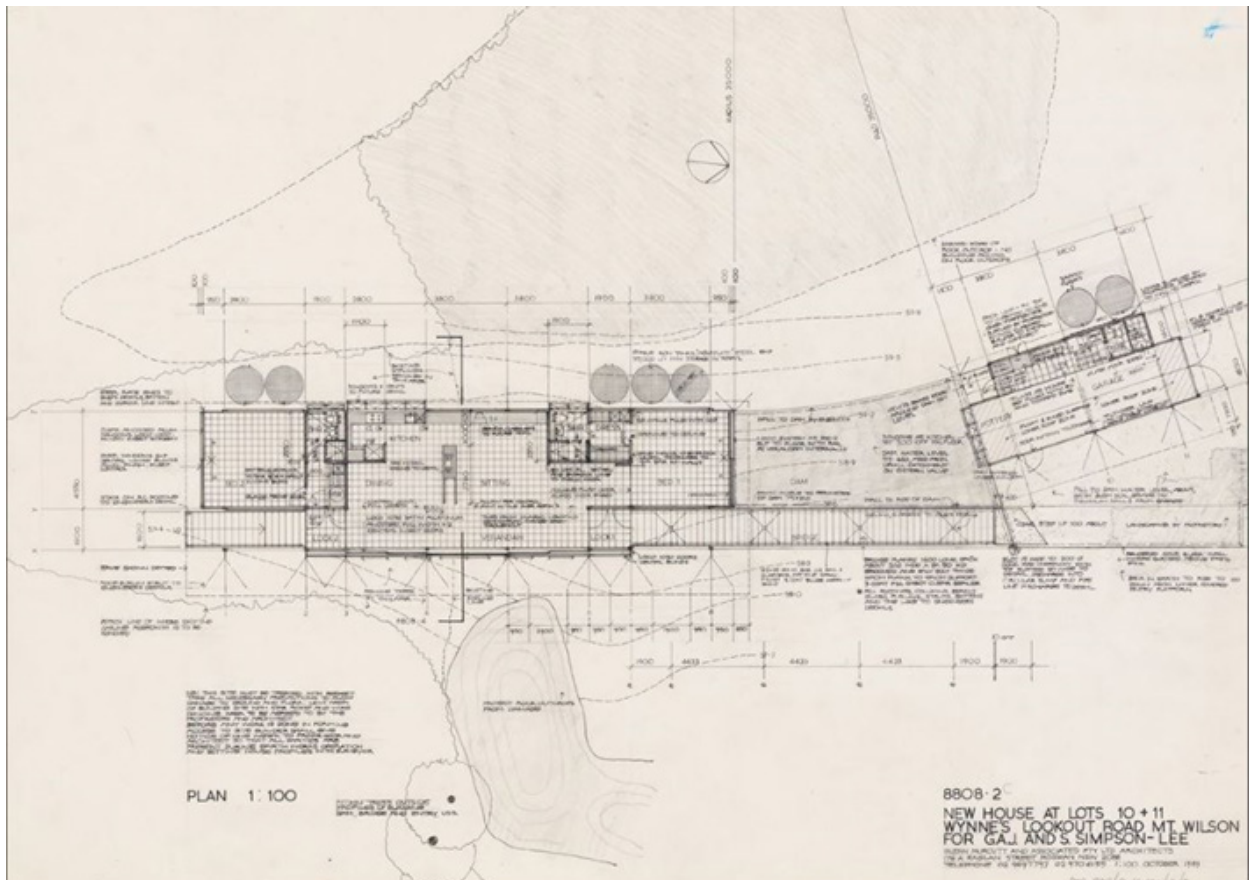
Figura 14 – Casa Simpson – Lee



Fonte: ARCHITECTURE AU, 2019.

Nos primeiros esboços, o projeto segue uma estratégia inicial de ser um pavilhão voltado para o norte organizado como baías, salas maiores no lado envidraçado do norte, com instalações de serviço para uma parte posterior majoritariamente fechada. As coberturas inclinadas protegem o edifício do sol de verão, mas permitindo o acesso ao sol de inverno. Em sua localização final, inesperadamente, essa planta foi girada em noventa graus para alinhar-se com uma trilha de mata existente, que acaba por estar incorporada como a circulação do edifício. Esse tipo de reorientação é incomum para Murcutt, já que os mecanismos de controle climático dados por sua seção direcional estão ligados a um aspecto do Norte pelo seu sucesso. A nova colocação, no entanto, ofereceu uma economia significativa ao permitir que um edifício de um andar fosse mais facilmente construído ao longo dos contornos do terreno mais plano, com um ajuste mínimo ao solo existente. Ou seja, topograficamente fazia mais sentido essa nova orientação estratégica.

Figura 15 – Implantação final Casa Simpson – Lee



Fonte: ARCHITECTURE AU, 2019.

O caminho linear construído conecta uma garagem / estúdio a um grande pavilhão. Uma ponte, que passa por uma lagoa externa introduz essa plataforma dentro da casa. A entrada é feita através de uma antessala, uma das duas se abrem para as áreas de estar. Esses ambientes acomodam uma série de telas deslizantes, que permitem que uma parede envidraçada desapareça completamente e que a sala de estar seja vivenciada de outra maneira, agora como uma varanda aberta. No processo de mudança da orientação da obra a estética delicada e simples de Murcutt com a lógica de um pavilhão voltado para o norte são intensificadas ampliando a conexão do todo com a natureza por abrigar num espaço otimizado o caminho que vem de fora e atravessa a obra.

Figura 16 – janelas deslizantes e acesso à Casa Simpson – Lee



Fonte: ARCHITECTURE AU, 2019.

Outra obra de Glenn Murcutt que é positiva de ser citada por exemplificar as estratégias sustentáveis que ele adota é a Magney House, também localizada na Austrália, mas numa área costeira com vista para o mar. O telhado desta residência é feito de telhas metálicas e possui a forma da letra V. No meio das duas águas passa um coletor de águas da chuva que faz a filtração da mesma para consumo e também é utilizada possibilita a conservação do calor, que gera economia de energia na casa. Além disso os brises da janela cooperam com esse controle de luz e temperatura. Essa é outra obra que mostra o uso de materiais simples e não muito tecnológicos alinhados a boas técnicas de projeto, como uma boa implantação que otimiza o direcionamento de fachadas resultando em um bom conforto térmico e eficiência energética.

Figura 17 – Magney House



Fonte: STYLE PARK, 2019.

Suas contribuições para os campos da arquitetura são visíveis, ao fazer uma edificação de suma elegância de forma que é quase esculpida em que aplica técnicas projetuais como partido de sustentabilidade ele mostra que não é unicamente a tecnologia que traz essa característica, mas sim o trabalho em conjunto com as condições geográficas apresentadas pelo lugar (clima, topografia, ventos e orientação) e o uso de materiais selecionados levando em conta a energia gasta para a sua produção, a manutenção necessária e o tempo de durabilidade de cada componente da obra. A notoriedade que Murcutt ganha não vem da monumentalidade de suas obras, mas sim de um grande arcabouço de técnicas de projeto unido ao bom uso de materiais comuns e de fácil acesso.

Com esses exemplos é possível ressaltar a importância de pensar o meio junto da arquitetura, pois quando trabalham unidos podemos desfrutar de uma série de benefícios e facilidades para aqueles que a vivem.

No ano de 2019 Glenn Murcutt foi convidado a projetar a edição do Mpavilion no evento filantrópico patrocinado por Naomi Milgrom e localizado em Queen Victoria Gardens, em Melbourne.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO | APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Este capítulo tem a intenção de concluir tudo que foi tratado anteriormente. Muito do que foi discutido principalmente no segundo capítulo “Análise do local e inserção urbana” será retomado neste, agora com o intuito de explicar decisões tomadas que se embasaram em análises anteriores.

Lidando com as diferentes frontalidades

Apenas para retomar, na região do Butantã onde se cruzam as três grandes vias: Av. Corifeu de Azevedo Marques, Av. Politécnica e Av. Jaguaré onde atualmente é o 93o Distrito Policial do Jaguaré é onde tomei a decisão de implantar um complexo educacional de escolas de artes. Este terreno possui uma conexão com áreas de interesse e que oferecem potencial para a região também como área pública. O mapa desenvolvido mostrado na página 18 indica todas as vinte e seis escolas as quais o programa proposto oferece apoio junto do limite da Cidade Universitária encostado no terreno e também a comunidade Jardim São Remo como público em potencial.

Figura 18 – Imagens do entorno do terreno



Fonte: ACERVO PESSOAL.

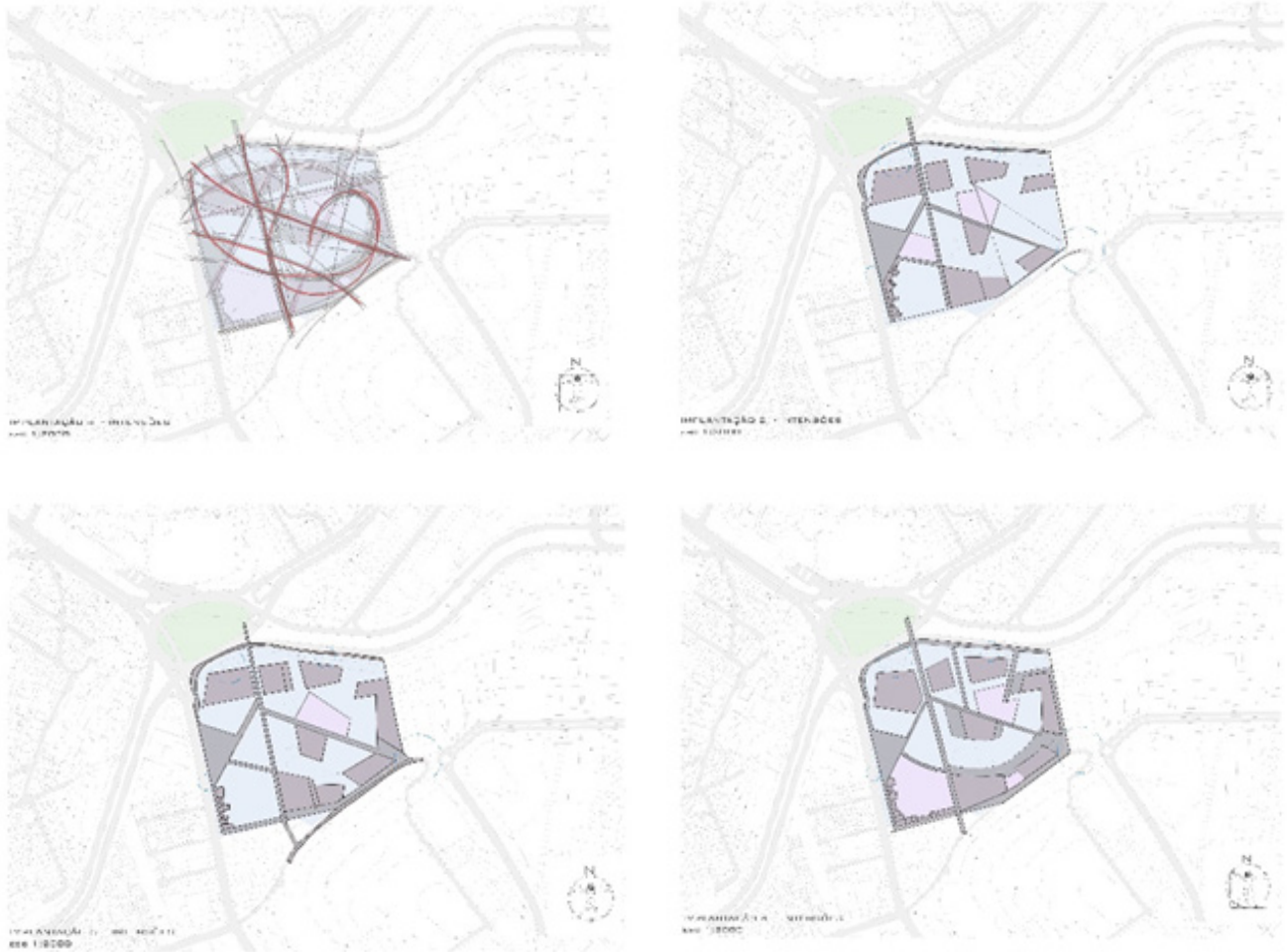
Na imagem acima mostro algumas imagens feitas no local que mostram principalmente a comunidade São Remo e o cruzamento de vias que contornam o terreno e abaixo uma legenda de onde cada uma foi tirada para melhor visualização do entorno. A primeira imagem mostra claramente o acesso à via de pedestres que sobe a São Remo. Essa é a rua estreita que se seguida encontra a USP e é onde o projeto prevê um acesso que conecta a comunidade, a USP e essa proposta de escolas com uma praça pública.

A terceira imagem (segunda foto da esquerda para direita na primeira fila) retrata o 93ODP da Jaguaré, onde cruzam as vias Corifeu de Azevedo Marques e a Politécnica. Toda a parte verde que se pode ver são as partes que possuem construções jogadas no meio do lote sem melhores usos, assim como os galpões industriais que existem seguindo a Av. Politécnica a partir deste ponto no sentido da Marginal Pinheiros.

A avenida Corifeu de Azevedo Marques diferente disso se dá com comércios, pontos de ônibus, acessos às escolas e até algumas residências ou pequenos prédios também residenciais. Nesta existem muito mais pessoas caminhando e utilizando o espaço público, que nesse caso não é nada além das calçadas por vezes em mau estado. Por fim, ao atravessar a grande praça que é formada por esse cruzamento encontramos o supermercado Extra com acesso prioritário ao veículo e ao seguir a Av. Jaguaré sentido Vila Leopoldina encontramos cada vez mais condomínios de prédios, outros supermercados e algumas construções abandonadas ou demolidas até que se atravessa a ponte da Jaguaré chegando então no parque Villa Lobos.

Conclui-se então que essa região é uma área de transição de escalas na cidade, desde uma área em que caminhar é bastante desconfortável e dá a sensação de insegurança até outra área em que apesar de não ser o ideal de desenho urbano já é bem mais acessível e comum o percurso a pé. A partir deste fator foi pensado em corte e em um sistema de manchas na implantação as questões de gabarito e de cheios e vazios priorizando os caminhos internos que aparecem com as linhas de força traçadas a partir do entorno e das vontades que elas exprimem de fora para dentro nessa gleba.

Figura 19 – croquis de estudo



Fonte: PRODUZIDO PELA AUTORA

Implantação

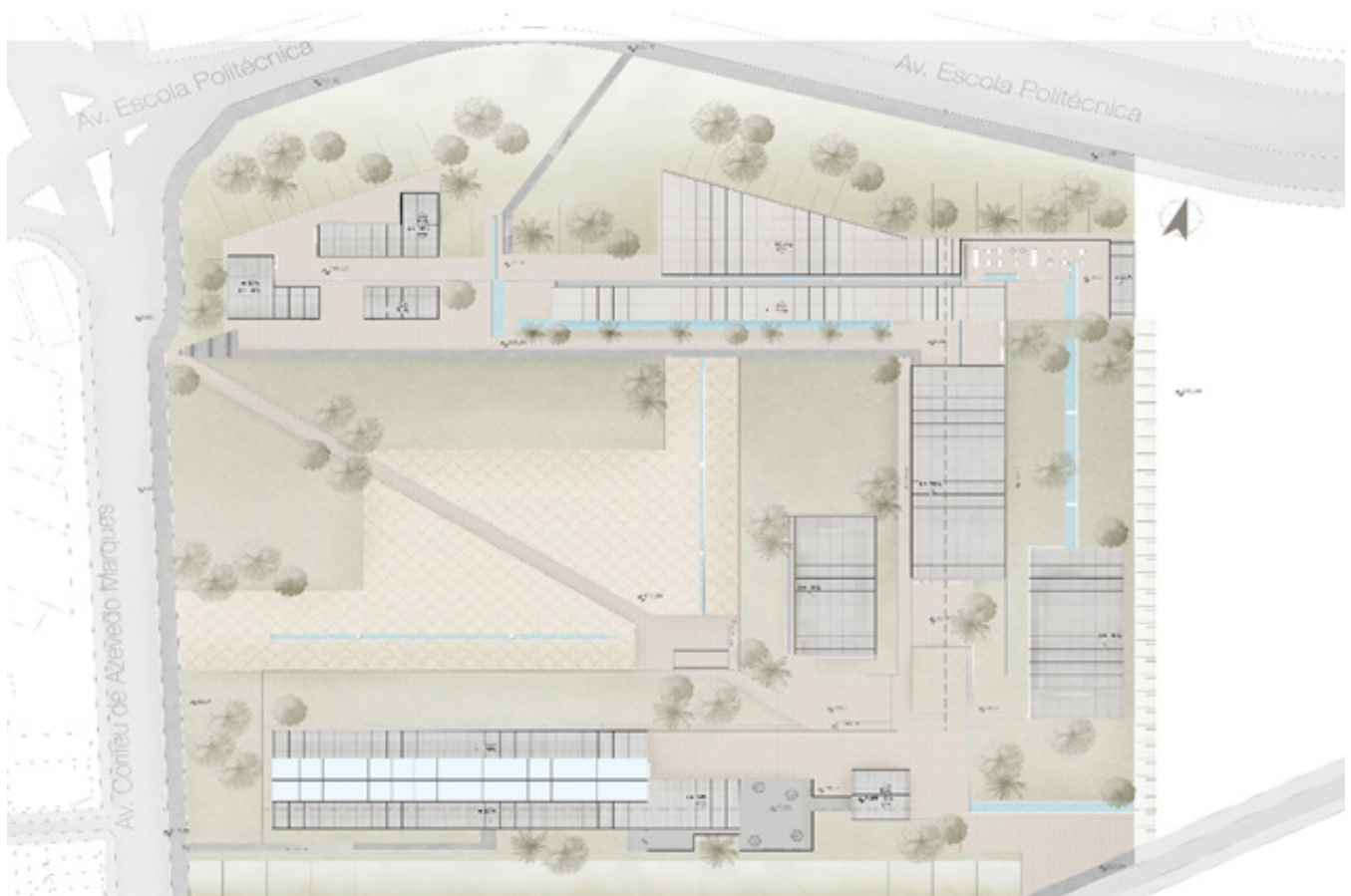
Os croquis mostrados acima apresentam algumas intensões que sempre estiveram presentes, que são os caminhos que cruzam o território e os acessos, tendo como principal deles aquele que chega na Av. Corifeu de Azevedo Marques, a que tem maior movimento de pedestres e de transportes públicos. Neste nível de estudo as cotas do terreno ainda não haviam sido compreendidas por completo ou mesmo havia pensado em algum movimento de terra. O movimento de locar os volumes que não possuíam nenhum tipo de uso específico ainda aparentava sempre seguir essa forma de “U” deitado encostando no terreno vizinho (galpão centralizado com área verde no entorno) e deixando suas pontas na direção oposta como forma de enquadrar esse espaço vazio. A princípio havia esse volume central que “coroava” o percurso visual que se fazia ao visualizar esse “U” deitado, mas nos passos adiante veremos que esse movimento acabou por não fazer sentido com o todo.

Ao longo desse estudo de implantação já quase no final do primeiro semestre do trabalho percebi uma questão que pelo fato de trabalhar mais por vias virtuais do que físicas que a escala de todo esse conjunto era bastante grande e que eram projeções no térreo quase monumentais, que chegavam a mais de 100m de extensão, em alguns casos em mais de um sentido. A partir desse ponto foi necessária uma reformulação até mesmo nos limites do terreno, fazendo com que a fachada que tinha frontalidade com o terreno vizinho recuasse significativamente.

Junto das escolas anteriormente mapeadas e dos percursos para pedestres que eram feitos também tracei as ciclofaixas presentes em toda a região e como ela alcançava o terreno de projeto em sua maioria elas passavam ou pela Av. Politécnica sentido Marginal Pinheiros (em que existe uma em bom estado junto do canteiro central da via) e as outras menores chegavam até a Av. Corifeu, terminando no mesmo ponto de maior chegada de pedestres previsto.

Após mapear os caminhos que chegavam até o local, de pensar nas linhas de força do entorno e de desenhar volumes, que foram redesenhados algumas vezes cheguei até uma subdivisão que satisfizesse as necessidades previstas de percursos internos e que também obtivesse uma proporção esteticamente agradável de cheios e vazios.

Figura 20 – Implantação final - Cobertura



Fonte: PRODUZIDO PELA AUTORA

Nessa implantação com vista da cobertura das edificações nota-se como foi atendida a questão de acessos tanto das ruas quanto aquele que se conecta com a comunidade Jardim São Remo e com a Universidade de São Paulo.

Segmentação de usos

Seguindo o raciocínio de explicação de fora para dentro nesse trabalho agora gostaria de comentar um pouco sobre a localização de cada uso proposto. Uma vez que chegamos num resultado com a proporção adequada de cheios e vazios, contemplando pátios internos que fizessem com que cada parte se conectasse com o todo e também com seu entorno imediato chega a hora de pensar na designação de cada espaço.

Os usos desse conjunto incluíam:

-Escola de Artes Plásticas

Salas de aula, salas que incluam máquinas de corte a laser e impressoras 3D, espaço de armazenamento de trabalhos e mesas para desenvolvimento e uso dos alunos em diversos ambientes.

-Escola de Teatro e Dança (artes do corpo)

Salas modulares com possibilidade de abertura ou fechamento dos módulos conforme for a necessidade da turma, espaços para reuniões, ensaios e decompressão fora da sala de aula.

-Galpões de uso mútuo para cenários e costumes

Espaço amplo e com grandes mesas para trabalhos, áreas de apoio para manutenção e armazenamento de matéria prima, espaço para circulação.

-Auditório

Foyer, salas de apoio, backstage, plateia e palco.

-Biblioteca

Espaço para controle de usuários e estantes com mesas de estudos.

-Espaço comum de estudo e áreas de apoio (comedoria)

Salão com grandes mesas comuns, área de cozinha e apoio aos funcionários e mesas com computadores para desenvolvimento de projetos.

-Salas comuns de aula e laboratórios de experimentações

Salas de aula com layout que proporcione trabalhos em grupo e reuniões de desenvolvimento de projetos sociais e afins.

-Espaço de Administração

Duas principais salas para diretores e secretários com mesas de apoio para questões burocráticas e atendimento aos alunos.

Para pensar nessa questão era necessária uma certa abstração que permitisse imaginar qual seria a atmosfera pretendida para cada caso. Os principais usos propostos são a escola de artes plásticas e a escola de artes do corpo, são os que tomam mais volume e que aparecem também como partido. Pensando abstratamente as artes plásticas instigam uma observação do entorno, a recepção do que vem de fora alimentando os sentidos humanos para que disso disponhamos de uma visão de mundo para ser exposta. É necessário um cer-

to silencio arquitetônico que proporcione a reflexão humana, seu contato com a sua essência, para que assim possamos enxergar de forma clara e conectada com nosso “eu lírico”.

Para esse uso penso então em algo fluido, aberto, que receba bastante do que vem de fora, mas tentando manter uma distância suficiente para que quem está lá dentro possa se concentrar em seus pensamentos. Penso então em aproximar esse uso da rua, que no caso é a Av. Politécnica, que a princípio é bastante movimentada, mas essa localização no terreno fica a um recuo de mais de 30m da calçada e com uma cota 5m acima do nível da rua, ou seja uma pequena subida que será habitada por natureza fazendo uma barreira física natural, mas que ainda permita a observação da cidade.

Em contraponto as artes cênicas e a dança são indutoras do pensamento que “se volta para si”, que pede do ser humano um conhecimento profundo de si mesmo capaz de liberar diversas possibilidades de interpretação de algo que mistura o que ele tem dentro de si com algo externo. Penso que arquitetonicamente esse espaço deva ser mais fechado, mais recluso e com espelhos talvez. A questão que pensei para essa edificação não eram as salas de aula como foco, pois são módulos de 12,5x12,5m que são abertos ou fechados como for melhor para seus alunos. O foco dessa edificação é seu térreo, diferentemente das artes plásticas com paredes inclinadas ou ortogonais que proporcionam vistas e enquadramentos, fluidez de um espelho d’água contínuo (o qual especificarei mais para frente) era algo muito mais orgânico e instigante. Ainda utilizando tijolos com suas cores naturais alaranjadas proponho corredores que de repente deixam de ser fechados para seguir apenas uma das paredes, que também de repente desemboca em uma parede curva que cria um nicho por dentro e usa seu resíduo para armários tipo lockers para seus usuários, estantes e espaços de decompressão.

Esses nichos criados pelas paredes são espaços que de uma forma abstrata remete ao pensamento de girar em torno de si, observar a si mesmo e se compreender. São nessas áreas de múltiplos tamanhos que acontecem os ensaios em grupo ou sozinhos e acima desse térreo são as salas de aula. Para usar desse pensamento como lógica essa edificação se opõe vetorialmente ao prédio de artes plásticas e então encontra-se no lado do terreno que fica próximo à via de pedestres conectora da universidade e da comunidade com o terreno de projeto.

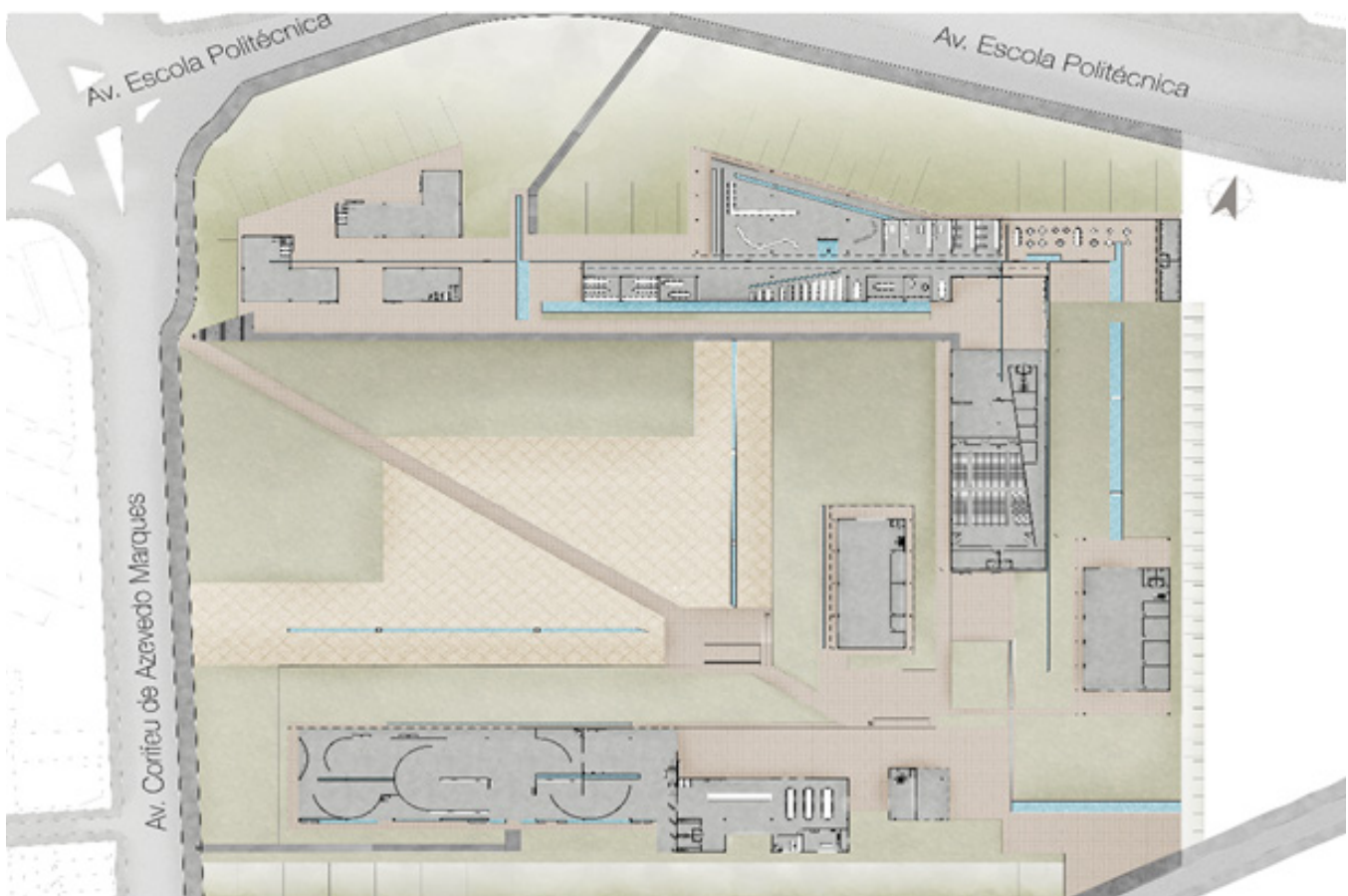
Para unir esses dois usos utilizo dos galpões de cenografia e costumes que seguem uma linguagem industrial e mais pura. Importante ressaltar que essa questão hierárquica também foi pensada com a materialidade em que as escolas de artes plásticas e do corpo são de tijolos com a tonalidade natural, alaranjada, enquanto as outras edificações são em tijolos brancos. O auditório, no meio destes dois galpões conecta-se através da parte aberta de seu foyer com a escola de artes plásticas, tanto por questões estéticas quanto de percurso e acesso de pessoas que não necessariamente estudam nesse complexo.

As áreas de apoio aos alunos, como as de estudo com computadores e a comedoria encontram-se mais reclusas e privativas na área do terreno que dá acesso à USP. Restam então os volumes de laboratórios e salas de aula, biblioteca e administração. A princípio havia pensado em um único volume que fosse grande o suficiente para abrigar todos esses usos e que fosse hierar-

quicamente o maior volume do todo, mas essa lógica ao longo do caminho veio perdendo sentido. Essa é a edificação que mais se comunica com a cidade no sentido de que não apenas e unicamente alunos de alguma coisa que frequentam constantemente esse local têm acesso. Depois de muitas revisões de projeto pensando esse todo como um único volume entendi que ele deveria seguir o que estou propondo para o restante no quesito de fragmentação, além do que isso traz o benefício de abrir mais caminhos internos, melhorar a ventilação e a iluminação de cada bloco.

Dividi em três blocos, um de dois pavimentos somado ao térreo (com salas de aulas e laboratórios) e dois blocos de um pavimento somado ao térreo (a biblioteca e administração). O térreo desses três blocos permaneceria transparente e seus caminhos internos abertos. Nesse espaço aberto e no fechado é onde ocorreriam as exposições dos trabalhos desenvolvidos e a comunicação através de cartazes ou informações do tipo entre quem vem de fora e quem é de dentro ao convidar o público para interação.

Figura 21 – Implantação final – Térreo



Fonte: PRODUZIDO PELA AUTORA

O individual e o todo

Nessa proposta de projeto, que inclui diferentes usos, diferentes edificações e uma integração de local com a cidade obtive dificuldades em pensar parte por parte e depois conecta-las umas às outras. Parecia muitas vezes que ao acertar uma parte a outra já não se comunicava mais da forma que era pensada para fazer. Depois de chegar neste desenho de implantação obtive como resultado essa grande praça central, que possui múltiplos usos tanto para os alunos quanto para a cidade, mas mesmo assim não tinha uma linguagem conectiva o suficiente.

A princípio havia pensado no espelho d'água unicamente na escola de artes plásticas, mas então percebi que em sua simbologia conseguiria traçar percursos, guiar o indivíduo e apontar questões de forma sutil e que não fossem uma parede impositiva, era um meio de fazer tudo isso de forma sugestiva e um pouco mais livre. Desenhei espelhos d'água que atravessam paredes e unem como se construíssem pontes.

A intensão com o todo é de atravessar a cidade no microuniverso do terreno, criar uma complexidade que ainda seja bastante convidativa, que encante aos poucos provocando curiosidade àquele que vem da rua a conhecer e passear pelo conjunto todo. Penso que isso tem uma simbologia que retoma a relação da arte com o ser humano, a arte pede por uma linguagem de simbologias, que são construídas através unicamente da vivência de cada um, do percurso de vida de cada um e também do impulso de estar imerso cada vez mais nesse meio. A praça funciona como um atrativo aqueles que trazem seus filhos para passear, aqueles que despretenhosamente caem ali no meio do seu caminho diário e o contraste proposto pelos volumes, pelos materiais e até mesmo pela natureza torna-se convidativo o suficiente sem que seja intimidador.

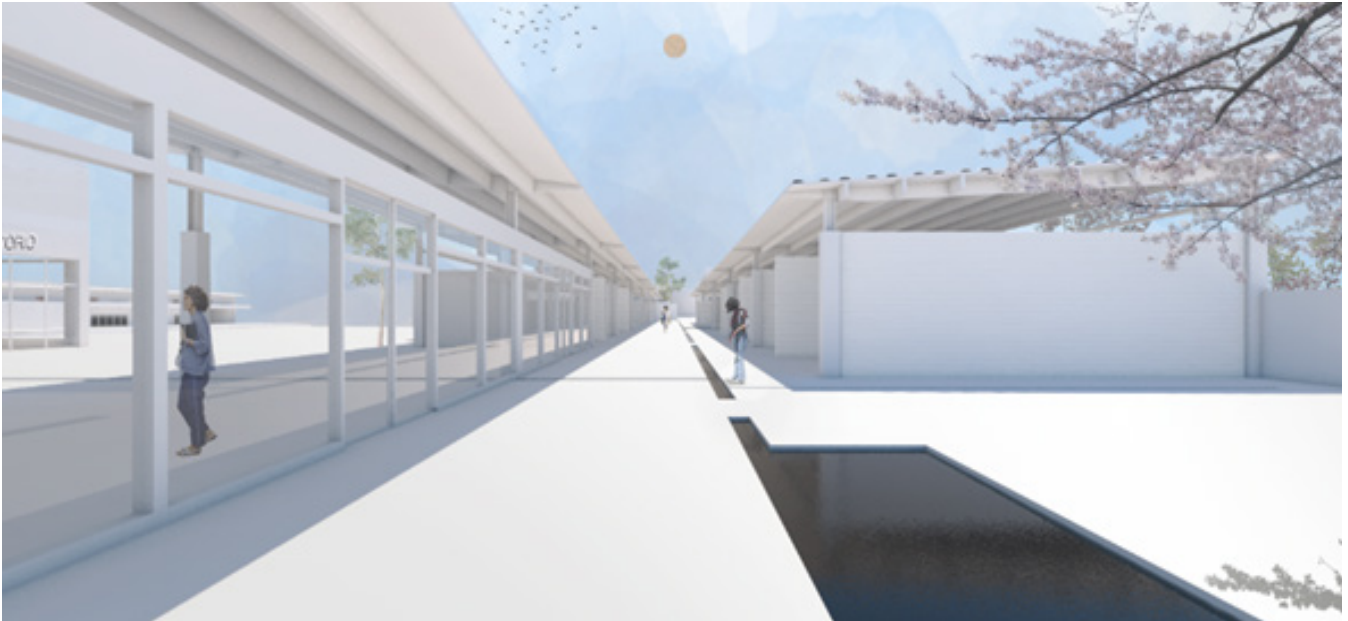
Figura 22 - Renders



Pátio interno com acesso ao nível da Rua (Av. Corifeu de Azevedo Marques)



Térreo livre para exposições e acesso público



Percurso interno edifício de artes plásticas



Auditório e foyer com acesso ao edifício de Artes Plásticas

Fonte: PRODUZIDO PELA AUTORA

Lista de ilustrações:

- Figura 1 – Mapa das escolas do entorno (Lapa)*
Figura 2 – Mapa das escolas do entorno (Butantã)
Figura 3 – Mapa das frontalidades
Figura 4 – Croqui Praça das Artes
Figura 5 – Diagrama de usos praça das artes.
Figura 6 – Cortes longitudinais da praça das artes.
Figura 7 – Croquis Praça das Artes (2)
Figura 8 – Planta do Térreo, Praça das Artes.
Figura 9 – Vista do pátio interno – Biblioteca Utopia.
Figura 10 – Perspectiva axonométrica do conjunto – Biblioteca Utopia.
Figura 11 – Relação de materiais da fachada nova versus fachada antiga.
Figura 12 – Enquadramento interno da paisagem.
Figura 13 – Transeunte utilizando o espaço público entre os edifícios.
Figura 14 – Casa Simpson – Lee
Figura 15 – Implantação final Casa Simpson – Lee
Figura 16 – Janelas deslizantes e acesso à Casa Simpson – Lee
Figura 17 – Magney House
Figura 18 – Imagens do entorno do terreno
Figura 19 – Croquis de estudo
Figura 20 – Implantação final – Cobertura
Figura 21 – Implantação final – Térreo
Figura 22 – Renders

BIBLIOGRAFIA

Livros

HARARI, Yuval. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. [s.l.]: Harper, 2011. 443 p. Tradução: Janaina Marcoantonio.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.

MARQUES, Fernando Pereira. **De que falamos quando falamos de: cultura?**. [s.l.]: Editora Presença, 1995. 156 p.

NOSEK, Victor. **Praça das Artes**. São Paulo: Azougue Editorial, 2013. 108 p.

Sites

GONZÁLEZ, María. **Utopia, Biblioteca e Academia de Artes Cênicas** / KAAAN Architecten. [S. l.], 19 jul. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/898366/utopia-biblioteca-e-academia-de-artes-cenicas-kaan-architecten>. Acesso em: 25 maio 2019.

GUSHEH, Maryam; LASSEN, Catherine. **Simpson-Lee House**. [S. l.], 10 nov. 2014. Disponível em: <https://architectureau.com/articles/simpson-lee-house/#>. Acesso em: 25 abr. 2019.

MACHADO, Adriana M.; AZEVEDO, Laura A. **A atividade de extensão universitária, o Jardim São Remo e uma instituição educacional: desafios na criação de um campo comum de trabalho**. São Paulo, 26 maio 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/98497>. Acesso em: 22 maio 2019.

NEXO. São Paulo, 06 set. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expreso/2016/09/06/Como-%C3%A9-a-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-a-Cidade-Universit%C3%A1ria-e-a-comunidade-S%C3%A3o-Remo>. Acesso em: 24 maio 2019.

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Incubadora USP de Cooperativas Populares**. [S. l.], 2015. Disponível em: <http://prceu.usp.br/programa/itcp-usp/>. Acesso em: 25 maio 1919.

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **USP Diversidade**. [S. l.], 2015. Disponível em: <http://prceu.usp.br/programa/usp-diversidade/>. Acesso em: 25 maio 1919.

